

**REGINA LONGARAY JAEGER**

**EXCLUIR É SINÔNIMO DE EXPULSAR?  
POR UMA EXPRESSÃO MENOR DOS ESTRANHOS POEMAS**

**Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>Tânia Mara Galli Fonseca.**

**Porto Alegre**

**2008**

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao Darci e à Bianca, cujos fluxos da vida cotidiana puderam ajudar a sustentar a força de imprimir em palavras tudo aquilo que sentia no processo de aprender.*

*À equipe técnica da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Sem elas, as cores no hospital seriam outras. Em especial à Bárbara Neubarth, na sua tranqüila maturidade, permanece inovando, fazendo e acolhendo invenções no hospital.*

*À Tânia Galli Fonseca, pela força incondicional, por não titubear e me acompanhar lado a lado, no sempre incerto processo de encontrar palavras para dar corpo aos estranhos devires que atravessavam meu corpo durante a pesquisa.*

*Aos encontros com Nilza Silva, que potencializaram o vaivém conceitual e empírico da pesquisa.*

*À Claudina, por conceder encontros e escritos tão fecundos. Que sua generosidade ao emprestar seus trabalhos possa, na intensa polifonia de suas palavras, seguir provocando devires nos corpos do mundo.*

## Resumo

Este trabalho percorre os encontros da pesquisadora com os escritos e com as falas de uma mulher que vive em um hospital psiquiátrico e durante largo período de sua vida asilar escreveu intensamente. Consideramos as manifestações expressivas desta mulher constituindo acontecimentos que se dão a partir do agenciamento loucura de que faz parte. A escrita encarna certos fluxos que atravessam seu corpo; efeito produzido nos encontros com os elementos do mundo e que constitui o agenciamento loucura/doença mental em que está inserida. Experiência que faz proliferar forças que nos desacomodam e nos forçam a deslocar nossos saberes e lugares *psi* tradicionais. Analisamos e traçamos cartografias esquizoanalíticas dos agenciamentos capazes de forjar o mundo asilar e colocar em existência a loucura a partir de referências de Foucault e Deleuze. Queremos acontecimentalizar estilos da escrita, quebrar as evidências dos ditos, trazendo elementos históricos para fazer o embate entre os vários saberes do agenciamento loucura.

Em alguns escritos destacamos as três condições relativas à literatura menor que localizamos nas escritas desta escritora. Não se trata de se libertar de uma história do oprimido, mas de encontrar saídas, pequenas rupturas sem qualquer referência histórica, fazendo expressar pela palavra, o que a afeta, desterritorializa seus contornos de doente mental nos quais ficou encerrada.

Palavras-chaves: escrita, acontecimento, agenciamento.

## Abstract

The present paper covers the encounters of the researcher with writings and speeches of a woman who lives in a psychiatric hospital and who has written intensively during the long period of her life in a mental hospital. We considered the expressive manifestations of this woman making up events that take place from the “agencement” madness/insanity, which she belongs to. The writing incorporates certain flows which go through her body; effect produced in encounters with world elements and that constitute the “agencement” madness in which she is inserted. Experience that increases forces which disturb us and force us to dislocate our understandings and places *psy* traditional. We analysed and traced schizoanalytic cartographies of the “agencement” capable of establishing the mental hospital world and place madness according to references from Foucault and Deleuze. We want to “événement” writing styles, break evidences of the sayings, bringing historic elements to make opposition among the many understandings of “agencement” madness.

We include some writings where we point out the three relative conditions to minor literature, we identified in the writings of this writer. The question is not to free oneself of an oppressed history, but to find gateways, small ruptures with no historic reference, expressing by the word, what affects her, deterritorializes her borders of mental patient in which she has been kept.

Key Words: writing, event, agencement

## *índice*

<b>1. Traçando contornos iniciais.....</b>	<b>6</b>
<b>2. O atrevimento de singularizar: cartografias da escrita clandestina.....</b>	<b>14</b>
2.1 E para que servem os mapas?.....	16
2.2 O agenciamento: o desejo que maquina.....	17
2.3 A potência da palavra: o acontecimento.....	22
2.4. Sobre o território de pesquisa.....	27
2.5. Pesquisa-intervenção.....	31
2.6. Os casos-acasos.....	34
<b>3. Percursos da pesquisa.....</b>	<b>38</b>
3.1 A busca nos arquivos.....	42
3.2. E a conversa, para que serve?.....	47
3.3. Escrever, para quê?.....	51
<b>4. O agenciamento São Pedro: matéria expressiva.....</b>	<b>55</b>
4.1 Alguns processos de Liberdades e Terapêuticas.....	69
4.2. "Que são gentes de parafusos frouxos?": a ruptura do diálogo.....	80
4.3. A proveniência do Hospital São Pedro.....	83
4.4. A proveniência de Claudina.....	87
4.5 O agenciamento maquínico e o coletivo de enunciação.....	95
<b>5. Por uma leitura minoritária: Considerações finais.....</b>	<b>102</b>
<b>6. Obras consultadas.....</b>	<b>114</b>

## ***1. Traçando contornos iniciais***

A escrita e a loucura enclausuradas: o que a palavra da loucura tem ainda a dizer após mais de 200 anos de silenciamento construído através de pesadas dicotomias e clausuras do pensamento? Este trabalho percorre os encontros da pesquisadora com os escritos e com as falas de uma mulher que vive em um hospital psiquiátrico e durante largo período de sua vida asilar escreveu incessantemente, fazendo *anotações para a vida* diária que, segundo suas palavras, *comunica passando* informações que serviriam para outras pessoas.<sup>1</sup> O ato de escrever constitui-se assim, num modo de evitar o esquecimento, pois tem *horror aos desmemoriados* do hospital. Avisos, anotações, interrogações, escritos musicais sobre os acontecimentos da vida pessoal, institucional, familiar se conjugam em fluxos desejantes de escrita. Recolhe aquilo que se passa, do que ouve, do que a afeta: misturas de vozes hospitalares, músicas, programas de TV, algumas poucas leituras, fragmentos de sons, expressões que se desprendem das matérias vivas e por ela apreendidas, precisam ser anotados e repassados para cadernos, agendas antigas, papéis de rascunhos. Anotações da vida diária distantes de um diário revelador de um eu escondido e mais próximas das “Hypomnemata” que Foucault(1984) nos trouxe da Antiguidade grega. As hypomnematas, assinala o autor, são cadernos de anotações de uso pessoal e administrativo, instrumentos tecnológicos que foram utilizados para a formação de uma relação permanente consigo mesmo. Escritos desprovidos do tom avaliativo e confessional de um diário íntimo, mas um modo de estabelecer uma reportagem a si tão adequada quanto possível.<sup>2</sup> O que nos parece importante é que as anotações de Claudina, escritas no silenciamento institucional da loucura, exaltam uma potência para além das dicotomias razão e

---

<sup>1</sup> Pereira, Claudina. Os demais trechos em itálico pertencem à mesma autora.

<sup>2</sup> Foucault, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. In: Escobar. C. (org.) Michel **Foucault: dossier. Rio de Janeiro**: Taurus, 1984. p. 61.

desrazão. Fazem emergir através da palavra clandestina a expressão da criação de si, da relação permanente de si com o mundo, que vai além das formas e dos saberes dominantes. Esta *Mulher dos papéis*, como se autodenominava, escreve *porque preciso senão faria qualquer outra coisa*. Escreve, como poderia fazer qualquer outra coisa, mas em um determinado período de sua vida, escolheu palavras que encarnam as forças da vida que encontra no maquinismo hospitalar, fazendo proliferar forças que nos desacomodam e nos forçam a deslocar nossos saberes e lugares psi tradicionais.

Nossa escolha de tal tema se deve à surpresa de encontrar dentro de um hospital psiquiátrico uma escrita silenciosa, persistente e singular. Perguntamo-nos, o que ainda resta impor a este movimento expressivo de propagar *palavras para a vida diária* quando seu destino já foi traçado pelas vias institucionais das quais não poderá agora se independizar? *A senhora sabe que eu vivo numa situação crítica neste hospital...* diz Claudina, buscando explicar sua condição existencial. Por que insistirmos em reafirmar o diálogo com a loucura, rompido desde a modernidade, quando esta parece ter perdido todo seu glamour transgressivo ou rebelde?

Um dos elementos que constitui a loucura, diz Foucault(2001), é o gesto moral que separa a razão da não-razão, e não a ciência que se estabelece depois, quando o louco já foi silenciado. Gesto incessantemente repetido na história, que condena ao silêncio todos aqueles que não se encaixam no logos dominante. A partir de determinado momento, a expressão de certos comportamentos e palavras até então tolerados, passam a ser destacados, selecionados, estigmatizados e patologizados. O olhar da razão, baseado em teorias científico-positivistas, é assumido pelos saberes psiquiátricos, produzindo verdades sobre a patologização destes comportamentos. Palavras e comportamentos diferentes, reduzidos aos delírios e alucinações, deixam de ser considerados e, em nome da proteção social, os portadores de tais expressões, transformam-se em perigo social, precisam ser confinados por força do saber e de uma moral. O saber psiquiátrico, constituído por discursos racionais, funciona a partir da construção da loucura patológica, situada do outro lado da razão. Logos determinado por binarismos excludentes como o da razão e loucura, que passam a ser considerados

universais e permanentes. É preciso, portanto, falar desse gesto de corte, desse distanciamento que se abre entre razão e não-razão. Situarmo-nos ali, onde existe uma “linguagem originária”, borrada, em que razão e não-razão se falam ainda, em que uma existe para a outra.<sup>3</sup> Marcar o momento em que ambas são indissociáveis e compartilhadas, dimensão da linguagem em que ainda dialogam. Queremos falar desta outra dimensão silenciada da história. Temos presente que a loucura foi declarada a partir do século XVIII como doença mental, pelo monólogo da razão psiquiátrica sobre a loucura. Interrompido o diálogo, “enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia o câmbio da loucura e da razão.”<sup>4</sup> Trata-se aqui de fazer gaguejar a língua, ou seja, fazer falar a língua fora de seus enunciados dominantes, de um sujeito e das organizações dualistas psicologizantes. Trata-se de extrair da palavra o devir-minoritário, expressão das transformações dos corpos, devires infinitos que vão muito além da palavra que os expressa. Escrita que se faz no silêncio povoado da solidão, na clandestinidade dos encontros, combinações, roubos e devires. Escrever, na perspectiva da multiplicidade, é apenas um modo de expressão das transformações produzidas nos corpos. A palavra pode permanecer conformada a um código de enunciados dominantes, relacionado a um determinado estado de coisas, como também pode tornar-se outra coisa, cessar de representar, expressar o acontecimento, “o que não se deixa fixar em um termo.”<sup>5</sup>

No nosso entendimento, escrever, para Claudina, é um acontecimento que encarna certos fluxos que atravessam seu corpo; efeito produzido nos encontros com os elementos do mundo e que constitui o agenciamento loucura/doença mental em que está inserida. Não se trata de se libertar de uma história do oprimido, mas de encontrar saídas, pequenas rupturas sem qualquer referência histórica, fazendo expressar pela palavra, o que a afeta, desterritorializa seus contornos de doente mental

---

<sup>3</sup> Foucault, Michel. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001 (Coleção Ditos e Escritos, v.1)

<sup>4</sup> Idem. p. 153

<sup>5</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1989.p. 89.



nos quais ficou encerrada. Pelo uso de determinadas expressões, faz emergir a potência disruptiva da palavra, enclausurada pelos movimentos estabilizadores e representativos que surgem a partir do século XVIII.

Portanto, esta pesquisa traz a emergência da expressão de Claudina a partir do agenciamento que faz parte, buscando ultrapassar as formalizações além das formas instituídas e códigos linguísticos, acessar o murmúrio incessante da vida, o plano das forças intensivas do mundo. De tal forma que, distantes de qualquer tentativa de retomada de uma loucura transgressiva, num puro estado selvagem, queremos problematizar a ruptura entre a loucura e a razão, o que se passa entre os corpos do universo. Desejamos percorrer, nesta distância entre loucura e razão, razão e não-razão, o domínio em que ainda se acham “implicadas: inseparáveis já que não existem ainda, e existindo uma para a outra, uma em relação à outra, na troca que as separa.”<sup>6</sup>

Tomamos assim, a linguagem em sua dimensão murmurante, não mais como expressão representativa, vazia e constante de um mundo exterior, mas de um mundo agramatical, expressão da vida múltipla, que nos desamarra do que nós somos para nos transformarmos em outra coisa, onde é possível começar tudo de novo. Pois o mundo que vemos e sentimos distingue-se das formas permanentes. Composto de matérias em devir, em transformação contínua, expressivas, constituídas de partículas virtuais que se atualizam e se modificam imediatamente a cada encontro, a cada acontecimento.

Já desenvol-  
vi milhões  
de Questio-  
nários.  
Que são Bar-  
reiras Intrans-  
poníveis?

Amo o Silencio  
Profundo  
e muito difi-  
cilmente o con-  
sigo ter.

---

<sup>6</sup> Foucault, Michel. Prefácio. In: \_\_\_\_ **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 153. (Coleção Ditos e Escritos, v.1)

No mundo em que  
vivemos: vivemos testan-  
do o Sempre!<sup>7 8</sup>

Congelados pelas representações dicotomizantes e do “já vi isto”, facilmente recaímos em sobrecodificações e institucionalizações. Tornamo-nos incapazes de sermos surpreendidos pelo que passa, de nos afetarmos pelas forças emanadas pelos micro-deslocamentos, defasagens que o encontro permanente e atual com a vida nos possibilita.

Arriscamo-nos, aqui, a pensar a escrita a partir do rompimento das linearidades do espaço contíguo histórico e institucional da doença mental, no qual ela se inscreve. Propor uma outra leitura para a psicologia, que se produziu a partir das dicotomias enclausurantes da razão e da não-razão, de modo a fazer pensar, no contemporâneo, a desestabilização destes saberes. Aceitar deslocamentos nos ordenamentos que nos constituem, de modo a problematizar nossos movimentos dentro de um hospital psiquiátrico asilar, estabelecendo usos menores das relações com o mundo.

Não se trata de fazer falar a linguagem da loucura/doença mental que foi durante séculos, rejeitada. Trata-se de transgredir o logos da razão, desfazer divisões, rachar as palavras de modo a exprimir o jogo de forças em que estão implicadas, e termos o privilégio de participar das experimentações do desenlace antropológico entre a loucura e a doença mental. Longe do patológico, a loucura pode, por sua vez, recobrar pela linguagem, uma experiência de pensamento que ainda não pode ser nomeado. Expressão que desorganiza as formas do hospital, interrogações que rompem correspondências entre o que se diz e o que se experimenta.

Queremos acontecimentalizar estilos da escrita, quebrar as evidências dos ditos, trazendo elementos históricos para fazer o embate entre os vários saberes do agenciamento loucura. Quais sentidos se liberam da palavra codificada pelas forças agenciadas das relações de forças emanadas do diagrama loucura. As palavras dizem do

---

<sup>7</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Abril de 1995.

<sup>8</sup> Todos os escritos mantêm as separações e as grafias dos textos originais.

funcionamento do agenciamento em que Claudina está implicada, transbordando suas forças, evocando outros movimentos acompanhados de intensidades de afecção, movimentos de transformação, de devir permanente. Assim, seguindo enigmáticas palavras, podemos ou não, enlaçá-las aos domínios de uma língua menor.

É no que há de mais intenso e obscuro das palavras da loucura que talvez possamos problematizar, na atualidade, “o que estamos em vias de nos tornar”, qual será o nosso modo de existir, com quais forças queremos compor nossas existências. Queremos ousar, como sugere Pelbart(1993), com pequenas experiências inovadoras, e mesmo que não estejamos livres de sermos capturadas pela subjetividade dominante, elas podem ser capazes de reverberações profundas nas nossas práticas cotidianas.

A enfermidade refere-se à parada de processo, e, como nos diz este autor, precisamos romper o binarismo saúde e loucura, outros caminhos dentro e fora da instituição.<sup>9</sup>

Esta será nossa tarefa estética-político-clínica: procurar conceitos, fazê-los tremer, abrir o corpo, nos desembaraçar de clichês, fazer pulsar a variação da vida entre as formas repetidas de loucura, variações que implicam a desconstituição da cesura original, fazendo emergir modos de expressão que permitem romper a aridez existencial da saúde dominante. “(...) A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido(...)”.<sup>10</sup>

Nosso trabalho constitui-se de dois momentos. Primeiro buscamos evidenciar os elementos conceituais que utilizamos para mapear as escritas e as falas de Claudina, no âmbito expressivo dos agenciamentos. Trazer à tona as vicissitudes desta experiência produzindo deslocamentos nos nossos modos de ver o que não era percebido. Processos de aprendizagem que se produziram com o “desaprender” da pesquisadora.

---

<sup>9</sup> Pelbart, Peter. **A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro:Imago, 1993.

<sup>10</sup> Deleuze, Gilles A literatura e a vida. In: \_\_\_\_\_ **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.p. 13

Para podermos perceber o que não era percebido é preciso desprender-se de si, deslocar-se do eu para os devires, lembra Schéerer(2005).<sup>11</sup>

A pesquisa se fez neste exercício constante e sempre retomado de abertura para as forças que nos atravessam. Processo que fez marcas, criando um território de pesquisa que foi sendo construído a partir da bifurcação de dois planos: o processo do aprender e escrever da pesquisadora e o da escrita de Claudina. Nesta primeira parte, trata-se do processo de criação da pesquisa, sua maneira de se abrir aos movimentos, à invenção de procedimentos de leituras a partir da apreensão dos conceitos sempre limitados por aquilo que pode o corpo e o pensamento, criando, assim, algo necessariamente singular e existencial.

O segundo momento desta pesquisa traz elementos históricos da constituição de saberes que silenciaram a loucura, a proveniência do hospital São Pedro e a escrita de Claudina, enquanto procedimento expressivo que se constitui a partir desta máquina loucura. Trata-se de analisar o maquinismo da loucura e as potências de existir que transpõem as palavras de ordem. Acontecimentalizar os agenciamentos, desorganizando as formas, buscando marcar as expressões mais intensas, a minoridade da língua.

O objetivo, aqui, será o de expor o saber da loucura a partir do conceito agenciamento, descrito em três traços. O primeiro bloco expõe as sucessivas transformações nas políticas e saberes que compuseram o Hospital São Pedro durante os trinta anos de internação de Claudina, indo desde o total compromisso do Estado em incluir o louco nas terapêuticas vigentes até as questões da reforma psiquiátrica. No segundo, vamos traçar a proveniência do Hospital São Pedro, analisando a inclusão da loucura no conceito da desrazão, na Europa no século XVII e os saberes produzidos. No terceiro, estudamos como Claudina se expressa, por onde assujeita-se à realidade construída e por onde escapa, fazendo sua própria escrita menor, pequenas rachaduras que (des)organizam o agenciamento loucura.

---

<sup>11</sup> Schéerer, René. Aprender com Deleuze. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v.26, n.93, set/dez., 2005.

É, portanto, por esta via que buscamos trazer o processo expressivo da materialidade de Claudina: na abertura das formas às forças do presente do acontecimento.

## ***2.0 atrevimento de singularizar: cartografias da escrita clandestina***

Foram os primeiros instantes de leitura do livro “Alma no Espelho”, de Claudina Pereira de Pereira, publicado em 1994, que ficamos surpreendidas e envolvidas pelo estranhamento daquelas palavras perseverando sua existência na condição de asilo manicomial:

Entrei na Divisão Kraepelin e fui  
deitar-me numa cama.  
Estou aqui há 30 anos<sup>12</sup>

O encanto foi imediato embora naquele momento estivéssemos longe de perceber o que estava muito perto de nós, ou seja, todo um movimento expressivo e explosivo da vida que insistia em se exprimir. Este encontro foi possível por estarmos realizando trabalho voluntário na organização e catalogação dos trabalhos de artes dos usuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP).

Procuraremos nesta primeira parte da dissertação, objetivar os caminhos escolhidos e percorridos durante nossa pesquisa, trazendo conceitos que nos serviram de instrumentos para erguer e ampliar um plano de consistência e de análise. Um plano de consistência, distinto de um plano de organização que supõe uma estrutura suplementar constituída de um sujeito e objeto, se faz por conjugação de elementos de naturezas diferentes, elementos relativamente não formados, partículas em relações de movimento e repouso. Uma pesquisa parte de elementos de agenciamentos de outros agenciamentos, composto de diferentes matérias expressivas sempre em relação e renovação: visitas ao hospital, leituras de prontuários, conversas, olhares, aulas, relatos coletivos. Individuações temporárias ou graus de potência de afetarmos e de sermos afetados se realizam no ato de aprender/ensinar. Privilegiamos as tensões que nos

---

<sup>12</sup> Pereira, Claudina. **Alma no espelho**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.p.53.

instigavam a pensar, a nos mover, a fazer novas perguntas. Portanto, sem caminhos *a priori*, buscamos nos conduzir pela experiência que se abria a novas problematizações, que nos provocava a pensar aquilo que nos surpreendia. Tudo foi sendo realizado tateando os movimentos, as atmosferas criadas nos encontros, a partir das marcas inscritas no corpo da pesquisadora cartógrafa. E cartografar, no sentido proposto por Deleuze e Guattari, consiste em seguir os traçados dos devires. Um encontro, uma fala, uma escrita podem fazer traçados de devir. Transformações incorporais expressam modificações corporais. “Há apenas palavras inexatas para designar alguma coisa exatamente. Criemos palavras extraordinárias, com a condição de usá-las da maneira mais ordinária (...)”<sup>13</sup> Fazer existir pelas palavras as intensidades dos elementos expressivos que nunca serão completamente retidas, fazendo mapas que sempre poderão ser reinventados.

Claudina carrega nas interrogações, nos verbos no infinitivo e exclamações curtas. Inventa combinações para expressar o que a afeta. E a partir de nossas leituras e encontros, fomos traçando contornos do nosso campo de pesquisa, seguindo nossos limiares afetivos e movimentos corporais. Leituras que nos transformam, forçam a procurar novas maneiras de ler como se fôssemos estrangeiros. Doar a cada palavra um sentido, uma imagem, um movimento, um estilo.

---

<sup>13</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1989.

## ***2.1.E para que servem os mapas?***

Sou boa em Localizações em Mapas Mundi. Sou Bamba em muitas Profissões. Ajudo muitos com a Palavra nos meus Caminhos- Muitos ajudam-me também com a Palavra.<sup>14</sup>

Este escrito de Claudina nos serve para introduzir a questão da constituição de um território de pesquisa. Questionada sobre para que servem os mapas, respondeu que precisava saber onde ficam as cidades, estados e países de que ouve falar na televisão. Apreciando os mapas, solicita à pesquisadora um de presente e ao recebê-lo, agradece e devolve-o, dizendo que se precisasse verificar a localização de alguma cidade, procuraria nas antigas agendas recebidas.

Claudina diz ser hábil em localizações e profissões, também ajuda e é ajudada com suas palavras. Assim, expressa uma potência corporal em afetar e ser afetada pelas palavras. Pode nos dizer que conhece os *milhões de mapas mundi* que constituem um agenciamento hospitalar.

*O que é a vida? Não sei. Onde é que ela habita? Ao inventar lugar, os seres vivos respondem a esta questão.*<sup>15</sup>

Serres(1994) nos propõe pensar as problematizações que Claudina expressa ao solicitar mapas e Atlas. Para o autor, os mapas permitem resolver questões de lugar, quando tudo está a mudar. Narrativas de mundo que conferem a cada época a paisagem do mundo quando tudo parece substituir a outra coisa a todo instante, passagem ininterrupta de antigos para novos mundos. Para o autor, somos na maior parte do tempo vinculados a poderes e hierarquias, impelidos por relações paralisantes

---

<sup>14</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais.

<sup>15</sup> Serres, Michel. **Atlas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.p. 37.



de pertença e exclusão do outro. Suportando o peso de uma história, “tememos o mais pequeno átomo de evolução(...)como podemos nós dizer que tudo muda? <sup>16</sup>

O que iremos percorrer é esta condição de passagem que faz desengajar devires contra saberes e poderes da História.

Mas mapas não se fazem sobre um movimento já posto, decalques, desenhos do que já passou. Mapas são ecos, ressonâncias das relações entre os diferentes elementos da pesquisa que se superpõem e não cansam de se interferir.

Quando o corpo da pesquisadora encontra-se com os corpos hospitalares, gestos, falas, expressões que ultrapassam as formalizações, movimentos imperceptíveis e expressivos do maquinismo hospitalar buscamos mapear, seguir os movimentos num trajeto incerto e incompleto.

## ***2.2.O agenciamento: o desejo que maquina***

A vida, na perspectiva deleuziana é descontínua, espalhada. É multiplicidade aberta, átomos e moléculas se agrupam, se descolam e, ao conjugarem com outros elementos, mudam de natureza. A única unidade desta multiplicidade são os agenciamentos, que são sempre agenciamentos de outros agenciamentos, simbioses entre um conjunto de corpos de elementos de naturezas diferentes.<sup>17</sup> Agrupamentos de elementos materiais informes, pois estão em constante transformação, corpos que se modificam ininterruptamente a cada encontro; estado de coisas que se misturam, entram em devir, sob a insistência de acontecimentos fazendo rizomas, uma estrada interminável. O que define seus elementos são as funções, as alianças, as ligas que se fazem e se desfazem constituindo desejo. É o que faz funcionar uma máquina

---

<sup>16</sup> Serres, Michel. **Atlas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. p.17.

<sup>17</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 83.

agenciamento. Desejo são fluxos mutantes “que se transformam e circulam em um agenciamento (...)”<sup>18</sup>.

Todo agenciamento se faz com conteúdo e expressão. Trata-se do agenciamento maquínico de desejo e coletivo de enunciação. Duas faces indiscerníveis. De um lado, corpos, estados de coisas que se penetram, se misturam, se modificam. Afetam e são afetados. De outro, efeitos incorporais, puros acontecimentos que se efetuam, que subsistem sobre estados de coisas. De modo que a expressão do devir da matéria pode ou não ser feita por palavras. A língua é uma capacidade humana, apenas uma entre tantas possibilidades de dar sentido aos efeitos encarnados pelos estados de coisas.

O que põe em funcionamento os elementos do mundo em agenciamentos concretos é sempre uma máquina social que os seleciona e os organiza. Portanto quando falamos em agenciamento, estamos falando de fluxos que se conjugam produzindo, distribuindo e consumindo os corpos, os gestos e relações. Uma série de acontecimentos sobre matérias não formadas constitui um mapa co-extensivo a todo o campo social. É máquina abstrata.<sup>19</sup> E a máquina abstrata ou diagrama escolhido aqui é a loucura.

O diagrama é um conceito foucaultiano pensado a partir da disciplinarização da sociedade moderna, e implica na imposição de determinadas condutas, repartições de espaço e tempo a uma multiplicidade qualquer. Constituem-se passagens, cartografias de forças que são atualizadas nos agenciamentos concretos. Daí a possibilidade do mais rígido agenciamento comportar novas forças singularizantes, resistentes a homogeneidades e em mutação.

A matéria constitui-se de partículas virtuais que se atualizam a cada encontro, transforma-se (entra em devir). Atualização sempre incessante e ininterrupta. O virtual compõe-se de toda a matéria do mundo em prontidão para se transformar. É passado, é duração da matéria.

---

<sup>18</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 84

<sup>19</sup> Deleuze, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 44

Um diagrama constituído por agenciamentos concretos, efetua relações de forças e os próprios agenciamentos que o produzem. O diagrama, resume Deleuze, é “uma superposição de mapas. E, de um diagrama a outro, novos mapas são traçados. Por isso não existe diagrama que não comporte, ao lado dos pontos que conecta, pontos relativamente livres ou desligados, pontos de criatividade, de mutação, de resistências(...)”<sup>20</sup>

Mas uma máquina abstrata ignora a distinção conteúdo e expressão. O diagrama disciplinar opera enquadrando, selecionando, constringendo. É pura relação de forças que se exerce sobre outras forças de maneira fluida, não pára de misturar matérias e produzir transformações: devires, fazendo emergir pontos de criatividade, hecceidades. Constitui-se das alianças de forças que tecem uma rede flexível e transversal de matérias e acontecimentos. É o mapa das relações de forças.

Nos agenciamentos se expressam signos e corpos como peças heterogêneas da mesma máquina. Num agenciamento não há sujeito, mas estados maquínicos expressivos, em devir. Conteúdo (corpos) e expressão (acontecimentos) em revezamento: reenviam-se um ao outro, faces complementares, mas não correspondentes.

Uma mulher, uma escrita, uma pesquisa são apenas individuações, relações móveis de velocidades e lentidões que designam acontecimento. Individuações temporárias que emergem de um emaranhado de fluxos de coisas e acontecimentos. Claudina é um aglomerado de partículas em movimento, uma peça do agenciamento, individuação que dele emerge e se chama “hecceidade”. Um plano de consistência conhece apenas hecceidades que são “graus de potência que se compõem, à quais correspondem um poder de afetar e ser afetado(...)” Uma individuação sem classificações, “perfeita”, que não se confunde com um sujeito individual.<sup>21</sup> Mas como definimos hecceidade? Apenas por reportações entre partículas em rede contínua e

---

<sup>20</sup> Deleuze, Gilles. **Foucault**. São Paulo : Brasiliense, 2005. p. 53.

<sup>21</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 108.

entrelaçada. Um corpo emergente deste emaranhado somente pode ser definido por coordenadas espaço-temporais: longitude e latitude.

Longitude é o conjunto de partículas em movimento e repouso, elementos não formados levados por fluxos. Enquanto que a latitude de um corpo é definida por afetos e intensidades, que são graus de potência de um corpo: poder de afetar (ação) e poder de ser afetado(paixão).

Quando o agenciamento hospital se encontra com o agenciamento pesquisadora – ambos agenciamentos devém. Algo imperceptível acontece. Algo muda.

Um agenciamento opera por procedimentos de reterritorialização e por movimentos de desterritorialização. Dois vetores assimétricos, coexistentes e simultâneos. Pela reterritorialização “dá determinada substância ao conteúdo, determinado código aos enunciados, determinado termo ao devir, determinada efetuação ao acontecimento, determinado indicativo ao tempo (...) a desterritorialização libera a uma pura matéria, ela desfaz os códigos, carrega as expressões e os conteúdos, os estados de coisas e os enunciados, sobre uma linha de fuga em ziguezague, quebrada, ela eleva o tempo ao infinitivo, extrai um devir...”<sup>22</sup>

Nas misturas de corpos e acontecimentos, vamos traçando as cartografias esquizoanalíticas, dos agenciamentos maquínicos do desejo e coletivos de enunciação capazes de forjar o mundo asilar de Claudina e colocar em existência a loucura que lhe foi atribuída.

Conteúdo e expressão, linhas de desterritorialização e procedimentos de reterritorializações constituem a tetralvência do agenciamento.<sup>23</sup>

É a máquina abstrata que define a função da ação de escrever. Num hospital psiquiátrico, o mesmo acontecimento “escrever” pode se referir à expressão de diferentes estados de coisas, das quais destacamos: a escrita pode se transformar numa

---

<sup>22</sup> Idem. p. 86-87.

<sup>23</sup> Deleuze; Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997 .v. 2.

qualidade de “doente mental criativo exemplar”, exemplo de capacidade expressiva terapêutica:

Dizem que  
Sou:  
Criativa  
Prestativa  
Autodidata  
De categoria.<sup>24</sup>

Quanto pode colocar em análise os estados de coisas, fazer contraposições, rasgar o agenciamento expondo lutas, forças políticas:

Será, será,  
A Psiquia-  
Tria sempre  
Foi maior que  
A Psicologia?<sup>25</sup>

A saturação dos saberes psi que patologizaram a palavra da loucura nos deixaram surdos. Palavras que ao serem ditas são imediatamente codificadas e selecionadas segundo saberes legitimadores. E mesmo só vendo saberes legitimados, Claudina continuou a escrever. Peça do agenciamento da loucura, permaneceu a escrever palavras que encarnam misturas dos corpos e dizem do estado de coisas do hospital assim como palavras que escapam deste conjunto de práticas e saberes, que deixam revelar através de pequenas experiências problematizantes, focos expressivos das múltiplas forças micropolíticas que compõem o mundo.

### ***2.3. A potência da palavra: o acontecimento***

*Pé de  
Mangas  
Marrom?  
Vermelho?  
Onde?  
Quando?  
Quem?  
E Por que?*

---

<sup>24</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Abril de 2001.

<sup>25</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Abril de 2003.

*E o Que?  
Porta.  
Janelas.  
Vestes  
Trajes.  
Logo:  
Pra Cada  
Assunto  
Um monte  
De coisas.  
Ao ver-  
bo sus-  
Pender.  
Espaço?  
Distância?  
Ação  
Suspende.<sup>26</sup>*

Claudina importa-se com o uso das palavras em relação com o estado de coisas que elas designam, indicam qualidades, coordenadas espaço-temporais, explicações, significações que elas indicam. Mas também se importa com a relação das palavras e os acontecimentos.

O que se passa nos corpos são movimentos, fluxos que arrastam e desterritorializam os nossos modos de ver e de dizer. A história está sempre presente, mas ela faz ver e dizer apenas alguns elementos próprios de um tempo e de um determinado lugar.

Sapeca é verbo  
Sapecar.

De Conjugações  
De Verbos, os  
Do amor, por exem-  
plo.  
Do verbo acabar.<sup>27</sup>

O mais fa-  
moso termo  
Artístico  
universal  
*Acabar!*  
Da conjuga-

---

<sup>26</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Novembro de 2004.

<sup>27</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Outubro de 1995.

ção do  
verbo  
acabar.

No Presente do Indicativo

Eu acabo  
Tu acabas  
Ele acaba  
Nós acabamos  
Vós acabais  
Eles acabam.

No Passado

Perfeito:

Eu acabei  
Tu acabaste  
Ele acabou  
Nós acabamos  
Vós acabais  
Eles acabaram

No Futuro

Eu acabarei  
Tu acabarás  
Ele acabará  
Nós acabaremos  
Vós acabareis  
Eles acabarão

Outras mais

Conjugações  
que existem des-  
se Verbo.

Porisso, um  
único termo  
uma única  
palavra, um  
único verbo  
Acabar.<sup>28</sup>

Pergunto à Claudina por que a utilização dos verbos. Observava que seus escritos continham muitas vezes os termos: “do verbo acabar, do verbo suspender”. *Eu amo os verbos desde que conheci lá no ginásio estadual de Pelotas. Me apaixonei. Verbos para mim indicam ação.*

O verbo acabar é escolhido por ela para dar corpo às suas transformações, aos seus devires que podem ser tanto conservadores quanto transformadores. *Acabar,*

---

<sup>28</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Abril de 1995.

*palavra famosa*. Solicitada a falar sobre o verbo acabar ela enumera: *acabar um casamento, acabar na solidão, acabar na miséria, acabar com os eletrochoques*. Acabar é usado num só sentido: acabar, mas atribuído a vários estados de coisas (corpos). Assim ela faz emergir na escrita, singularidades, relações móveis pelas quais é constituída.

Numa de nossas primeiras conversas, perguntei a Claudina de onde vinham tantas idéias, o que a levava a escrever. *Ah, minha senhora... são contatos outros... o que não se pode esquecer, coisas que ouço por aí, na TV, nas conversas...*

Encontros entre corpos que se entrecrocavam continuamente, fazem irradiar a potência proliferante de novas criações. Claudina apresenta os acontecimentos: “não esquecer, ouvir, contatos outros (...)”. Acontecimentos que empurram ela a escrever.

Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou de fazer uma história. Amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma bruma ou névoa. Tudo mudou, na verdade.<sup>29</sup>

Deleuze(1998) aproveita dos estóicos a distinção entre a natureza dos corpos, suas ações e paixões e os efeitos das misturas na superfície das coisas. De um lado matérias em misturas, em transformação e de outro “efeitos incorporais impassíveis, inqualificáveis, infinitos(...)”<sup>30</sup> Em resumo, de um lado corpos, de outro, acontecimentos, indiscerníveis. Os acontecimentos, incorporais, podem se exprimir nas proposições e incidir sobre os corpos.

O acontecimento é “algo no que acontece”.<sup>31</sup> Corpos agem uns sobre os outros e o efeito resultante desta mistura são os acontecimentos. Puros infinitivos, “que participam, antes de um extra-ser(...)”.<sup>32</sup> O próprio encontro é um acontecimento. Ele não existe, mas subsiste nos corpos.

---

<sup>29</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 81.

<sup>30</sup> Deleuze, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 152.

<sup>31</sup> Idem, ibidem

<sup>32</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998 p. 77.



Em Deleuze(1998), são os verbos no infinitivo que podem exprimir devires corporais. “Verbos no infinitivo são devires ilimitados” aos quais se atribuem aos estados de coisas que se exprimem em proposições.<sup>33</sup> Atributo de estado de coisas ou acontecimento se expressa por um verbo qualquer no infinitivo. Os infinitivos- devires não remetem a um sujeito, mas a estados de coisas, misturas, coletivos de diferentes corpos.

Em Bergson, lido por Deleuze (2000), há diferença de natureza entre matéria, puro devir, ativo e atual e a memória, ser em si do passado que cessou de agir. A atualização da matéria se faz dentro de um presente limitado que imediatamente vira passado. O acontecimento faz a matéria se atualizar no presente que imediatamente se contrai com outros presentes tornando-se passado.<sup>34</sup>

É a matéria “que dá carne” ao acontecimento, ao atributo do estado de coisas. Claudina sabe que a transformação da vida é ininterrupta. A cada acontecimento a matéria se atualiza. A vida constitui-se num aglomerado de partículas em vias de se atualizar. Cada instante se divide no presente atual e no passado virtual, contração de todos os presentes. A duração é a vida em movimento de diferenciação. É a atualização de virtualidades que persiste, linha divergente que divide o presente e passado<sup>35</sup>

Sempre foi  
Sempre será?  
Do verbo  
Caber  
Cada um nasce prá  
Várias!  
24 horas  
Há 30 anos.<sup>36</sup>

A cada encontro, a matéria se transforma, ganha ou perde contornos, sempre se expressando, se espalhando de qualquer maneira, pelo som, gestos, odor... Elementos nem sempre apreensíveis aos nossos sentidos, não se sabe o que há por vir. Corpos

---

<sup>33</sup> Idem, ibidem

<sup>34</sup> Deleuze, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

<sup>35</sup> idem

<sup>36</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Novembro de 2004

estão prontos a se modificar a todo instante, entrar em devir, acontecer o estado de coisas. São os corpos que atualizam forças, dizeres, afirmações.

Encontrei com Claudina caminhando no hospital em um dia extremamente frio. Seguimos juntas até a sua unidade. Vi que ela portava uma pedra na mão e estava calçando chinelos de dedos. Ao seguir meu olhar, ela fala, animadamente:

*A senhora sabe que hoje eu saí correndo para ir até o brechó, assim, vestida com esta roupa! Louqueando aí pelo São Pedro de chinelos de dedos com todo este frio e logo em seguida emendando, é... como se diz.*

Ela precisa justificar utilizar a palavra “louquear” tão comum ao uso dos “normais autorizados” quando se comete qualquer pequeno ato mais estranho, que foge ao cotidiano esperado.

“Nascer na beira da Lagoa”, “possuir pais deficientes”, “chegar a Porto Alegre”, “casar”, “ter filhos”, “louquear”, “internar”, “portar pedras” são acontecimentos que efetuados sobre a matéria produzem o devir Claudina”. Os efeitos das misturas dos corpos, os acontecimentos se transformam, no agenciamento em que se encontra, em doente mental. A doença mental não tem existência em si. O que existe são comportamentos catalogados enquanto doença. Um ser diagnosticado doente mental existe. A doença mental é acontecimento, subsiste, efetua-se no corpo quando determinados comportamentos passaram a ser vistos de modo diferente. Misturas de corpos, choques que se efetuam num estado de coisas e se expressam num “louquear”. Acontecimento que subsiste no agenciamento Claudina. Os comportamentos estranhos de Claudina passam a ser codificados e patologizados, considerada perigosa por um saber que subsiste numa construção social da loucura. Em nome da proteção social e de um saber, constrói-se a “louca perigosa” e se exprime em proposições “doente mental.” Mas os acontecimentos são irreduzíveis a estes estados e proposições.

Os acontecimentos prescindem da palavra. Puro efeito incorporal, expressão inqualificável e infinita dos devires ilimitados dos estados de coisas. Portanto, a expressão da matéria pode ou não ser transformada em palavras. Elas são escolhidas para dar corpo à expressão incorpórea do acontecimento. A língua não é primordial, é apenas uma das possibilidades de dar atributos aos efeitos do estado de coisas.

## ***2.4.Sobre o território de pesquisa***

Quando entramos num hospital psiquiátrico e escolhemos nosso tema de pesquisa que se trata da escrita e da fala de uma mulher, paciente deste hospital, queremos ousar ultrapassar as formas e designações dos objetos e delimitar um campo de trabalho constituinte de corpos e forças em misturas. Nos situamos, assim, diante de um agenciamento hospitalar que acopla um conjunto heterogêneo de elementos concretos, maquínicos e expressivos, em constante atualização, existentes desde o dia em que a loucura passou a ser definida e asilada. Constituído por estados de coisas: enfermeiros, técnicos, arquiteturas, medicamentos, fluxos que, por sua vez, se ligam a outros agenciamentos institucionais, econômicos, políticos etc. É a face maquínica dos fluxos do desejo: o conteúdo. É indissociavelmente, constituído por acontecimentos, expressos com prontuários, falas dos técnicos, dos usuários, de todos e de cada peça constituinte da máquina loucura.

Tudo o que vemos e percebemos, por mais permanentes e concretos que possam nos parecer, estão em constantes transformações, puros devires. Ao lado da estabilização territorial, sempre relativa, pontas de desterritorialização, desmanche, erosão das formas por forças desejanças, fluxos mutantes da vida. Um território, diz Zourabichvili (2004), implica num espaço que não se reduz a uma localização geográfica. Seu valor é existencial: faz marcas que protegem as distâncias e os vínculos com o outro, assim como protege do caos. Esta delimitação necessária é material, ou seja, relaciona-se com os elementos conjugados na dimensão territorial do agenciamento e o devir, momento em que o território se desterritorializa pela potência afetiva problematizante do desejo e do pensamento.<sup>37</sup>

Quando trabalhamos no agenciamento loucura, temos os elementos materiais palpáveis, que repousam na soma dos gestos, atitudes, procedimentos, regras, campo do familiar que protege do caos. O pesquisador, por sua vez, não percebe tudo isto como um cenário ou então, como um conjunto de dados a partir do qual vai trabalhar.

---

<sup>37</sup> Zourabichvili, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p. 21.

Um pesquisador existe na medida em que é tomado dentro do agenciamento em análise, num campo de experiência que oscila entre o encontro com comportamentos e pensamentos preestabelecidos e em devir transversal a estas divisões, traçadas em meio às coisas, “liberando seu poder de afecção e justamente com isso voltando à posse de sua potência de sentir e pensar.”<sup>38</sup> São linhas desterritorializantes da experiência que deslocam fronteiras dos códigos, por onde são doados novos sentidos ao acontecimento.

Ao escrever uma pesquisa, estamos produzindo composições que se dão a partir do momento em que a pesquisadora intervém e passa a fazer parte do agenciamento. Escolhas de algo que nos afeta, que nos fascina na medida da suportabilidade e limites sensíveis de nosso corpo ao nos deixar invadir pelos mais sutis movimentos de vida que sorrateiramente insistem em se perpetuar no plano da existência. Uma pesquisa se faz enquanto espaço fugaz, de passagem, em que o pesquisador e pesquisado se transformam, cada qual em seus devires, efeitos de encontros sempre imprevisíveis.

O que faz um território de pesquisa é, portanto, a emergência de matérias de expressão, sinalizadores, “assinaturas”, diz Deleuze, a propósito das marcas territoriais. Sinais que cintilam e são escolhidos por nossos sentidos. Toda a matéria se expressa, faz sua marca expressiva. Mas não para por aí. Tais marcas deixam de ser meros anúncios quando “as qualidades expressivas ou matéria de expressão entram em relações variáveis ou constantes umas com as outras, para constituir não mais placas que marcam um território, mas motivos e contrapontos que exprimem a relação do território com impulsos interiores ou circunstâncias exteriores, mesmo que estes não estejam dados. Não mais assinaturas, mas um estilo.”<sup>39</sup> O exprimir da matéria pertence a um domínio dos acontecimentos. Devir expressivo das qualidades sensíveis que mantém distância crítica, ritmos, não medidas.

---

<sup>38</sup> Idem. p. 22

<sup>39</sup> Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 124. v. 4.

Ao intervirmos no território, nada mais será o mesmo, os elementos variarão, entrarão em devires. O simples gesto de entrada numa unidade hospitalar faz com que se passe a fazer parte do lugar. Novos fluxos de calor, de ar que deslocam o movimento habitual, provocando novos arranjos de forças. Corte no agenciamento, interferência, contágio que o desterritorializa, construindo novos arranjos.

Assim, não falamos a partir de uma determinada perspectiva privilegiada, mas de um determinado emaranhado de forças em ação, que é a própria diferença. Deste modo, o que exprimimos é a tensão instável que nos fez pensar, que nos obriga a circunscrever um campo familiar nos protegendo do caos, de tudo aquilo que se percebia indistintamente. Um território, como nos diz Deleuze (2006) com ressonâncias do microsociólogo Gabriel Tarde, tem suas fronteiras marcadas a partir de um ponto de vista do mundo que não existe fora de nós e também não se confunde com a contemplação prévia do pesquisador sobre o objeto. Falamos a partir de um mundo que não é do sujeito, mas de uma região que revela o sujeito.<sup>40</sup> Região em que se cruzam forças múltiplas, razão pela qual o que dizemos não se reduz a um estado psicológico, mas refere-se a um modo de subjetivação, isto é modos de ver, dizer, perceber que constituem o mundo e se envolvem na criação de uma pesquisa.

Compomos nosso território de pesquisa com as palavras escrita e as falas de Claudina, buscando trazer o exercício de despersonalização, buscar nos modos de escrever, os procedimentos desta escrita que forcem a saída de um eu. Falar em nome próprio, por paradoxal que seja, implica o mais severo exercício de despersonalização, diz Schérer(2005).<sup>41</sup> É uma maneira de se abrir, de se entregar as forças que nos atravessam, que aumentam a intensidade e a potência de agir. “Falar em nome próprio é parar de se instalar nas significações correntes, de responder à ‘palavra de ordem’ da linguagem”.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Deleuze, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

<sup>41</sup> Schérer, René. Aprender com Deleuze. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v.26, n.93, set/dez., 2005.

<sup>42</sup> Idem.p. 5

A questão do nome próprio Claudina ultrapassa a autoria de uma pessoa ou de um sujeito de enunciação. Designa um agenciamento ou agenciamentos, heciedade destes agenciamentos. “Os nomes próprios designam forças, acontecimentos, movimentos e motivações (...) muito antes de designar pessoas.”<sup>43</sup> Chances únicas de combinações de agenciamentos. Afirma o acaso. Dá a vida uma potência impessoal, ultrapassa a escolha individual, pessoal .

A escrita ultrapassa o regime hospitalar identitário, individua-se seguindo a linha de invenção de novos agenciamentos a partir das combinações dos agenciamentos que a inventaram. As “paixões pelas letras”, sempre em vias de descobrir propriedades desconhecidas, fazer novas combinações, acontecimentos, devires, transformações de espaços-tempo, tendo como único fim a vida.

## ***2.5.Pesquisa-intervenção***

É por esta razão, nos diz Rocha e Aguiar (2003), que toda pesquisa é intervenção, pois necessariamente são corpos agindo sobre outros corpos, incidindo na ordem micropolítica da realidade através da experiência do pesquisador. Não há mais qualquer resquício de divisão sujeito e objeto.<sup>44</sup> A pesquisadora e Claudina são nomes próprios que se encontram, mas são antes de tudo compostos coletivos, maquínicos e expressivos.

A pesquisa-intervenção irá trabalhar a partir de nossos gestos e ações mais corriqueiras, “outra dimensão do real que não a do concreto e da presença.”<sup>45</sup> O virtual pressupõe no cotidiano a possibilidade de realização de potenciais, realização de

---

<sup>42</sup> Deleuze, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999. p. 58.

<sup>43</sup> Rocha, Marisa e Aguiar, Kátia. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Revista ciência e profissão**. V. 23, n.4, Brasília, dez. 2003.

<sup>45</sup> Idem.p.10

dimensões sempre em vias de se atualizar. A pesquisa-intervenção tem como alvo a rede de poder e os jogos de interesses, colocando-os em análise, de modo a fazer emergir novas práticas, como nos apontam Rocha e Aguiar (2003).<sup>46</sup>

Um dos conceitos levantados por estas autoras, é o de implicação. Distante de uma vontade e decisão de ligar-se ao trabalho, tal conceito leva em conta a análise dos lugares que são ocupados, designados e que se buscam ocupar. Evidencia o jogo de poderes e a intervenção busca trazer esta dinâmica em análise. Nestes moldes, a intervenção do pesquisador não será focada como uma sombra tolerada, justificada ou mesmo a ser superada num processo de transformação, tal como era relacionada nas pesquisas participantes de cunho emancipatório. A interferência será a condição do próprio ato de conhecer. É nesta indiscernibilidade entre a produção da vida e do conhecimento que se dá a pesquisa, como operação de doação de sentidos que afetam o corpo do pesquisador.

Deste modo, a realização de uma pesquisa da escrita e da loucura a partir da indissociabilidade entre a vida e o pensamento, se faz numa escolha política em que vida é potência de invenção. Ação dos encontros dos corpos em movimento, cujas partículas virtuais se atualizam, forças que já estavam presentes, apenas não eram percebidas.

Nossa experimentação neste modo de pensar, longe das perspectivas privilegiadas, concebe multiplicidades, forças, partículas e acontecimentos que atravessam o nosso próprio corpo e pensamento: “Ora a vida ultrapassando os limites do pensamento, ora o pensamento ultrapassando os limites da vida. Ora os encontros ou misturas de corpos desterritorializando as maneiras de pensar, ora os atos afirmativos de pensamento desterritorializando os modos de agir.”<sup>47</sup> É este jogo dos acasos, longe das fixações e regras que nos predispomos a ousar experimentar numa dissertação de mestrado.

---

<sup>46</sup> Idem

<sup>47</sup> Fuganti, Luiz Antônio. Saúde, desejo e pensamento. In: Lancetti, Antônio(org). **Saúde e Loucura**, São Paulo, 1990. p. 43.v. 2.

Chegar numa unidade hospitalar, entrar num quarto, conversar, sair dele. Tudo são fluxos que cortam outros fluxos, fazem novas combinações, novos deslocamentos. Sempre algo se passa, acontece, trânsito imperceptível, que pode mudar tudo. Intensidades expressivas que se misturam, sempre há intervenção, corte nos segmentos da vida que provocam reverberações nos corpos envolvidos no território da pesquisa.

Neste sentido, Kastrup (2006) afirma que uma cartografia é sempre um modo de trabalhar caso a caso, o que não impede de se estabelecer algumas pistas para descrever e coletivizar as experiências.<sup>48</sup> A cada encontro, a cada leitura, diferenças de intensidades, expressões gestuais e materiais que de alguma forma, já existiam de modo virtual e imanente. Articulada ao pensamento de um mundo dinâmico, em variação contínua, a autora afirma em uma pesquisa não há a etapa “coleta de dados”, pois, a partir de referências retiradas do pensamento das ciências cognitivas contemporâneas, desde o início o que existe é uma produção de dados.<sup>49</sup> São nos encontros que os dados virtuais se atualizam segundo um processo de diferenciação. A vida busca se atualizar nos encontros e se virtualizar na duração.

Quer a minha escrita, quer a escrita de Claudina, trata-se do mapa do agenciamento hospital São Pedro que se faz pela atualização de saberes menores que permaneceram ilegíveis em função da positividade da razão médica e psi. Isto exige novas sensibilidades, fora dos princípios reguladores esperados. Nem doente, nem instituição a qual subscreve suas palavras, mas agenciamentos, naturezas, línguas, gestos entre os quais explode o acontecimento da escrita. Polifonias que embatem e se deslocam na heterogeneidade das misturas, mesmo sob dominância dos saberes psi.

Uma pesquisa que se propõe a se construir na perspectiva da imanência, recusa as idéias de origem privilegiada, de sujeito e de uma significação prévia com objetivos e finalidades a serem alcançados. O cotidiano asilar aqui, pode intensificar a relação de vizinhança entre corpos misturados neste agenciamento. É na divergência, na tensão

---

<sup>48</sup> Kastrup, Virgínia. Cartografias da invenção: pistas e políticas. Aula ministrada no PPGPSI/UFRGS em 14 de março de 2007.

<sup>49</sup> Idem



problematizante efetuada na radicalidade desta relação de pesquisa que constituímos o processo de trabalho.<sup>50</sup> Pressupondo assim, um modo ativo dos corpos envolverem-se e se contaminarem na permeabilidade das fronteiras, de seus contornos.

## ***2.6. Os casos-acasos***

Orlandi(2006) traz a noção de caso para o que nos provoca pensar, abrir questões problematizantes. Caso se impõe a nossa existência comum e age como comutador, é sempre algo mutante, tem que ser aprendido de diferentes velocidades e afecções.<sup>51</sup> Somos atacados pelos modos de pensar, nada é espontâneo. Afectos são graus de potencia, modificam corpos, segundo velocidades e lentidões. Somos variações intensivas que se altera no acaso dos encontros. Quando nos deparamos com esta escrita algo mudou, sinal que nos força a pensar.

Aqui, Revel(2004) nos oferece um certo ajuste no sentido de compreendermos a noção de caso. Segundo ela, a noção de caso é extremamente ambígua: “tradicionalmente designa (...) um fato certamente isolado, mas que se procura recuperar por força de uma regra geral ou de uma lei (...) O uso foucaultiano do termo é ligeiramente diferente (...) o caso é precisamente o que parece não querer voltar para as malhas de nosso quadro interpretativo, ou seja (...) o que se impõe em uma singularidade absoluta, o que escapa à ordem e afirma, no contrafluxo dos processos de identificação e de classificação discursivos, o extraordinário.”<sup>52</sup>

A noção de caso implicada nesta pesquisa busca deslocar-se de um sujeito centrado na loucura/doença mental e seus atributos psíquicos, um sujeito forjado a

---

<sup>50</sup> Rocha, Marisa e Aguiar, Kátia. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Revista ciência e profissão**. V. 23, n.4, Brasília, dez. 2003.

<sup>51</sup> Orlandi, L. Introdução ao procedimento da expressão em Gilles Deleuze. Aulas proferidas em 17, 18 e 19 de outubro de 2006. PPGPSI /UFRGS.

<sup>52</sup> Revel, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: **Foucault: a coragem da verdade**. Gros, Frederic (org.) São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 75.

partir de um sistema homogeneizante das racionalidades psi para se desviar enquanto minoria, como agente potencial que faz da língua maior, um devir minoritário de todo o mundo. Fazer uma língua menor implica numa língua inovadora dentro da própria língua dominante, como veremos mais adiante. Devires são físicos, moleculares e não imitações, tampouco identificações com alguma forma ou identidade de um sujeito. “Devir e, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornar, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo.”<sup>53</sup>

Nosso processo de fazer pesquisa partiu ainda de uma idéia de caso clínico, histórico, inserido num plano já dado de antemão, portanto mais organizado, macropolítico, constituído de formas e de sujeitos. Plano que sofreu desmoronamentos durante o processo de (des)conhecer o que passava, plano que não mais nos remetia às formas prontas, individuais, mas a relações, reportações de forças, movimentos, afetos e intensidades entre elementos não formados, um plano de consistência. Dimensões que não param de crescer na medida dos encontros. É um plano, diz Deleuze (1997), de proliferação, de contágio, que não pára de liberar tempos, velocidades e afetos.<sup>54</sup> “Estamos o tempo todo no embate entre as forças macro e microfísicas.

Numa determinada ocasião, digo à Claudina que lendo seus escritos, tinha notado que ela fazia muitas interrogações.

*Uso as interrogações porque costumava ouvir das psicólogas que viviam perguntando, fazendo questionamentos.*

Claudina desterritorializa o discurso interrogativo das psicólogas para utilizar para seus escritos. Movimento de contaminação do procedimento operacional dos profissionais psi. E reterritorializa-se sobre um procedimento próprio da psicologia.

---

<sup>53</sup> Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 64. v.4.

<sup>54</sup> Idem

Cartografar é apanhar o que diz estes movimentos singulares, desterritorializantes. Experiência única das falas das falas que se superpõem num discurso indireto livre de agenciamento asilar. Peça operacional do agenciamento coletivo, tudo o que emite tem um valor coletivo, pois o que ela diz está sempre relacionado por um outro enunciado, ao um outro dizer, um dito de um outro dito. “É toda a linguagem que é discurso indireto.”

Quanta(s) gente(s) na minha vida já  
que quando não estou lendo estou  
escrevendo – por vezes ambos até.  
Ou... Ambos lendo e escrevendo<sup>55</sup>

Num agenciamento coletivo há todo um conjunto de vozes concordantes ou não, do qual retiramos nossa voz. O nome próprio Claudina não depende de uma consciência, mas de inúmeras vozes que embatem no agenciamento. “Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento(...)selecionar as vozes sussurrantes(...). “Um cogito esquizofrênico”, dirá Deleuze(1997) que não implica a doença mental mas potência que faz da consciência de si a capacidade para apreender as transformações incorporais e a linguagem sob a forma de uma discurso indireto ou palavra de ordem.”<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Outubro de 1995.

<sup>56</sup> Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 24.v.2

### ***3. Percursos da pesquisa***

Nosso corpo é apenas uma singular produção por instâncias individual, coletiva e institucional em que concorrem diferentes registros semióticos, econômicos, políticos, sociais e tantos outros, sem hierarquias.<sup>57</sup> Portanto, contamos apenas com a matéria de nosso corpo e suas intensidades misturadas aos outros corpos, matéria do mundo. E, como qualquer outro corpo, somos constituídos de partículas em movimento e repouso, velocidades e lentidões que são afetadas ou têm o poder de afetar outros corpos, segundo graus de potência. Assim, o que concorre para que o agenciamento pesquisador escolha um assunto e não outro, vale por sua capacidade, seu limiar de afecção: ser afetado ou não pelo mundo.

Durante o transcorrer dos encontros, numa determinada manhã, Claudina deitada na sua cama, de lado, com o braço amparando sua cabeça, voltada para mim interroga: *a senhora sabe qual é a diferença entre fase e época?* Pega de surpresa, “pensei alto” dizendo que achava que fase referia-se a um determinado momento e época a algo mais duradouro, mas também que não via muita diferença. Ela então, me parecendo incrédula e decepcionada, acabou deitando-se completamente sobre a cama, olhando para o teto, acabou concordou comigo. Somente depois de algum tempo, provocada por aquela pergunta, pude sentir que meu corpo demandou instantaneamente o acontecimento “saber/sabedoria”, urgência de responder aquela mulher tão curiosa e tão destituída de respostas. Reportei-me ao dito *grito porque ninguém me ouve*, dito em determinada ocasião. Naquele momento, devido minhas urgências de “salvação” não pude me afetar pelo acontecimento “diferenciar/diferença”, que trazia seu interesse. O sinal expressivo oral “diferenciar” fase e época alcançou o limiar afectivo, do meu corpo, na minha audição, de modo subalterno à exigência de saber e de responder, próprio dos lugares que nos colocamos.

---

<sup>57</sup> Guattari, Felix. **Linguagem, Consciência e Sociedade**.: Saúde e Loucura 2, São Paulo, 1990. p.3-17.

Acontecimentos que podem engendrar relações de poder tão freqüentes, durante um percurso de aprendizagem que é uma pesquisa.

Ela então relata o seu estranhamento causado pela resposta dada por uma funcionária, à indagação:

*A senhora faz o que não gosta?* “Sim”, respondeu sua interlocutora. À mesma pergunta, respondo: “sim, faço coisas que não gosto.” Claudina, então, deitada na cama, muda de posição e, com um certo tom de desdém e resignação, afirma que não faz coisas de que não gosta. Saio de lá perturbada com aquelas questões, algo da minha impossibilidade de sintonia, de partilhar daquele momento. Algo que expressava das minhas práticas e necessidades burocráticas que muitas vezes ultrapassavam um viver fazendo o que se gosta. Pensar em princípio do prazer e realidade pode constituir instrumentos importantes para se pensar por determinada via do pensamento, mas aqui não se mostra potente. Interpretar por esta via não parece ser fecundo. Ao que corresponde “o fazer o que gosta” de Claudina? O que expressam estes verbos no infinitivo? O que expressam os gestos corporais e todo o agenciamento em que está maquinada?

Aos poucos pude me aproximar mais deste modo de pensar, ao aceitar melhor o sentido atribuído por ela à sua vida, à expressão do estado de coisas do hospital. Exercício sempre incerto em realizar uma análise nômade dos ditos e escritos que é apenas uma das faces expressivas dos corpos em movimento. Pensar sem a esteira organizadora dos saberes institucionalizados e das obrigações cotidianas. Pensar a partir das interrogações de Claudina. Estar sensível à força do sentido. “Fase e época”, “fazer o que gosta”, “o que não gosta”: em que isto pode mover o mundo? Pequenas defasagens, meros arranhões que escavam e movimentam nossas ações e pensamentos maiores. Desvio nas obrigações burocratizadas, certo direito “do não sei”. Como Orlandi (2005) anuncia, ao invés de logo subordinarmos os acontecimentos à representação, podemos vir a experimentar uma multiplicidade em toda sua diferença, em seu devir.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Orlandi, Luiz. Apresentação. In: Lins, D.; Feitosa, C. (org.). **Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

Defasagens que são intensificadas por nossos sentidos, sintonizados por pequenas percepções, impressões confusas, deslocamentos, “atmosferas” que se criam entre os corpos, entre palavras, nuances, desvios.

Gil (2005), baseando, suas noções em Leibniz, apresenta a “semiótica do infinitamente pequeno”.<sup>59</sup> Entendemos que este conceito possa ser útil para nos aproximarmos do “campo sensorial expressivo”. Segundo o autor, reportando-se a Leibniz, atribuiu dois tipos de pequenas percepções: as infinitesimais e pequenas demais para serem percebidas, embora estejam presentes de forma subliminar, como as pequenas ondas contidas numa onda do mar; e as pequenas percepções que recobrem as discontinuidades aparentes, tais como a passagem entre uma corda relaxada e esticada. O movimento de transição entre uma coisa e outra, seja entre uma multiplicidade de elementos moleculares que dão a impressão de algo único, macromolecular, ou entre um movimento “esticado” e outro “relaxado” são apreendidos contiguamente por pequenas percepções. Mas, o que Gil nos propõe é ampliar estas noções, no sentido de que em Leibniz elas expressam ainda escalas de grandezas. Trata-se de definir a percepção mínima por sua natureza. Deste modo, exemplifica o autor, quando vemos um elemento trivial, podemos perceber um “não sei o quê” evocando algo diferente do que vemos. Apenas um olhar penetrante captura a diferença entre o que se pretende exprimir e o que realmente se exprime.<sup>60</sup> Este deslocamento, entendemos como “espaço” em que se dá o acoplamento de novas partículas da multiplicidade que constituem o estado de coisas, que se metamorfoseia em outra coisa, de outra natureza, mesmo sendo o mesmo elemento que apresenta. Embora sem ver este deslocamento, o percebemos; não se trata de algo dissimulado e escondido, trata-se de outra coisa, composto com outras partículas.

---

<sup>59</sup> Gil, José. As pequenas percepções. In: Lins, D.; Feitosa, C. (org.). **Razão Nômade**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2005. p. 19.

<sup>60</sup> Idem, *ibidem*. p.25-26.

Neste sentido, a pesquisa constitui-se numa peça expressiva de um processo maquínico, necessariamente provisório, nômade, constituindo narrativas de uma experiência singular capturada por nossos corpos.

É a partir destas fulgurações diferenciais, que constituímos um “agenciamento pesquisador”, que se faz com aquilo que os corpos podem, nos limiares da sensibilidade, de saberes e poderes estratificados e que estão por vir.

Claudina escreve:

Obrigar  
Verbo  
Obrigado,  
Agradecimento<sup>61</sup>

Obrigado: agradecer, gratidão, agradecimento. Obrigada: constranger, forçar, compelir. “Obrigar”, palavra de mesma grafia expressa acontecimentos diferentes: obrigado(adjetivo de gratidão, de dívida); obrigado (particípio do verbo obrigar). Cada palavra exprime um acontecimento próprio que remete a diferentes composições de forças, adquirindo ou perdendo partículas, exprimindo novas entonações, gestos, sons. Duas palavras que exprimem lutas dos estados de corpos, entre o assujeitamento e a gratidão. Movimento de corpos que ultrapassam nossa capacidade de prever, de afirmar.

Desenha-se, nesta atmosfera de lutas, um contorno de pequenas percepções. O que nos interessa destacar da perspectiva trazida por Gil, é o efeito de investimento de afetos que abrem os corpos. É o corpo que se afeta, que percebe o movimento das partículas, velocidades e lentidões, na sua capacidade de acolher ou excluir pela sua porosidade as modulações das forças das partículas de outro corpo.

### ***3.1.A busca nos arquivos***

---

<sup>61</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Novembro de 2004.

O primeiro momento de nosso projeto tinha como um dos objetivos alcançar a escrita de Claudina, fazer a recomposição histórica da sua vida, tanto através das suas próprias palavras quanto das palavras ditas sobre ela, registradas nos prontuários médicos. Para isto, recorreremos inicialmente aos arquivos buscando acumular, através de anotações, os percursos hospitalares: entradas, fugas, saídas controladas, movimentos durante a internação. Claudina fez 22 internações a partir de 1963, que duravam entre dias a alguns meses. Em geral, fugia ou sua alta era requerida pelo marido, assinando termo de responsabilidade pela alta sem consentimento médico. Entradas hospitalares se davam em geral por acontecimentos tidos como distúrbios de conduta, como “tirar a roupa em locais públicos”, “seduzir homens na rua”, “brigar com vizinhos”, “tentativa de matar a mãe durante uma visita” e “maus tratos ao seu filho ainda bebê.” Acontecimentos, descritos nos prontuários, resultaram num processo jurídico com a conseqüente perda definitiva da guarda dos filhos.

Nas inúmeras tentativas infrutíferas de buscar com que Claudina ficasse fora do hospital, foram realizados três procedimentos da assistência social dos quais destacamos três acontecimentos: “encaminhar para o trabalho, morar numa pensão protegida e morar com a família.” Disto destacamos três acontecimentos subseqüentes: “não adaptar-se nos empregos, a família não ter condições de cuidá-la e Claudina brigar com outros usuários da pensão protegida.” Encaminhamentos formais que resultam em fracasso. O que nos leva a pensar que, dentro de uma escassez de recursos e cuidados, tais encaminhamentos demonstram prontidão e exatidão institucional quanto à assistência, mas também pressupõe a naturalidade de se constituírem “vantagens e chances sociais as quais desperdiçou”. Como se fosse possível universalizar o trabalho formal, a família e a convivência com estranhos, como estado de coisas sempre favorável à vida de todos indivíduos. Acontecimentos que serão atribuídos à Claudina, sentidos morais de incapacidade social, falta de vontade que vai corroborar ainda mais o seu estado de adoecimento.

Em nossa busca foram encontradas nos prontuários escassas referências sobre a escrita de Claudina. Em junho de 1986, consta que mostrou um texto dizendo que “é a



forma de desabafar”. Dias depois, “diz que gosta de escrever e que, neste momento, está se sentindo bem, está numa fase boa.” Neste mesmo prontuário está descrito: “paciente cronicada pelo hospitalismo (...) idéias de grandeza, fala fluente, diz que namora um carioca.” Embora naquele momento estivesse presente a crítica dos técnicos quanto à inexorabilidade da institucionalização, suas palavras continuavam a ser cortadas e codificadas como idéias patologizadas.

Escrever em prontuários é um acontecimento que emerge de dentro do H.P.S.P. É algo concreto, realizado por algum funcionário movido pela máquina abstrata loucura. Não é apenas um funcionário, mas peça de um agenciamento coletivo de enunciação, constituído por toda a maquinaria da loucura, que vai afirmar o estado de coisas “doente mental”. Os prontuários descrevem os comportamentos de Claudina, julgando-os estarem fora de um determinado padrão esperado: não estar ciente da loucura. Claudina por sua vez, ao ser interrogada sobre o acontecimento “escrever” dentro do agenciamento hospitalar vai responder, justificando seu comportamento dentro do agenciamento loucura: para desabafar. A própria interrogação produz uma resposta dentro do esperado pelo estado de coisas do agenciamento.

A pesquisa percorreu a leitura dos vinte anos de internações intermitentes a partir de 63, que foram encerradas em meados da década de 80, com a sua definitiva hospitalização. Ao término das leituras de parte dos prontuários, o interesse da pesquisa foi deslocado, reportando-se para a fala de Claudina. O que nos conduziu a este deslocamento? Estados de coisas potentes que afetaram meu corpo. Inicialmente “algo” evocado por aqueles papéis cheios de traças e aranhas. Uma visão de uma pequena mesa onde estavam espalhados os inúmeros prontuários de vinte anos de uma vida registrada por um determinado saber. Monumentos de tintas e folhas encostados numa parede, onde jaziam no interior de suas linhas, estados de corpos enclausurados por palavras. A única forma que contrastava aquele embargo de paralisia e morte eram as antigas árvores verdejantes do hospital, que podíamos ver da janela. Verdejar que serviu como convite para seguir a vida dali, aonde ela se colocava, para fora dos prontuários. Fez-se, então, um deslocamento dos saberes demarcados e legitimados,

para saberes ainda mergulhados no emaranhado das conjunções maquínicas e expressivas do agenciamento da loucura. Nossa aposta é a de pensar Claudina enquanto multiplicidade de matérias, pedaços de agenciamentos familiares, conjugais, econômicos, sociais; multiplicidade sempre em movimento e afecção, que se transforma e se expressa de muitas e diversas maneiras. Agenciamento de agenciamentos, pura potência de vida. Seguimos, então, como nos indica Deleuze em “A imanência, uma vida”, a vida de um indivíduo que deu lugar a uma vida impessoal, singular, única, pois “despreende um puro acontecimento”.<sup>62</sup> Vida que não se reduz às demarcações da loucura, experiência de uma vida impessoal.

Em “A vida dos homens infames”, Foucault (1977) escreve: “O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas”.<sup>63</sup> O autor refere-se a existências reais de homens e mulheres que em determinado momento da história, tiveram suas vidas cortadas em virtude de terem cruzado com um tipo de poder que não mais as aceitaria. Pequenas infâmias: brigas, vociferações, intrigas, falas fragmentares, silenciadas na sua mais intensa energia por terem se chocado e se debatido com o poder. Teriam sido esquecidas se não tivessem um dia sido consideradas provocações e documentadas em “Estranhos poemas”.

Claudina, enquanto doente mental, se compõe peça de um grande maquinismo, fazendo seus “Estranhos poemas” sobrepostos aos ditos psi.

Intrapuniti-  
Vidade  
Extrapuniti-  
Vidade.  
Comportamento  
declaro-me  
em Grandes  
festas pra Edi-  
ção de um

---

<sup>62</sup> Deleuze, Gilles. A imanência, uma vida. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, v.27, n.2, p.10-17Jul-Dez. 2002. p. 12.

<sup>63</sup> Foucault, Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_ **Estratégia, Poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.p.208. (Coleção Ditos e Escritos)

O acontecimento “escrever” adquire o sentido para Claudina em sair do mesmo, do lugar definitivo, enriquece, se transforma em “Mulher dos papéis”, tem a força de ensinar e aprender.

Faz apropriações das palavras dos prontuários que dizem o que ela é, situando-a num lugar definitivo. Palavras que não fazem apenas referências, mas agem sobre corpos a partir de saberes legitimados. Corpos, ações, gestos que um dia foram reivindicados enquanto matéria dos enunciados médicos que a consideram infame. Está instaurada num conjunto de forças, numa realidade incapaz de conter, tolerar e potencializar as vidas consideradas deficientes, infames cuja expressão singular, que por miséria e excesso não pode ter o sentido de tais comportamentos atribuídos senão na forma rígida da reclusão. Vida cuja intensidade quase foi extinta. Permaneceu documentada em prontuários: “Estranhos poemas”, dos quais Claudina fez pequenas rachaduras fazendo expandir a força da expressão menor.

O encontro com este texto de Foucault nos suscitou utilizar “Estranhos poemas” referindo-os a minoração das palavras de Claudina, por produzir a emoção e o estranhamento diante da obstinação pela vida. Um ímpeto de utilizar suas palavras para restituir a intensidade da vida mortificada pelas palavras documentadas nos prontuários. As leituras dos prontuários são descrições, repetitivas de um lento processo inexorável da institucionalização da doença mental. A existência da loucura/doença mental é uma peça fundamental para sustentar a organização do Estado e do capital em segmentos normatizados e autorizados. Portanto, o louco longe de estar fora do mundo, excluído no manicômio, sustenta não apenas uma poderosa indústria terapêutica como um modo de organização social. A loucura precisa existir para ser constantemente demarcada, enclausurada, sem perder de vista sua presença, seu risco que pode ameaçar nossos modos de existir. Agenciamento da loucura inserida no grande agenciamento do capital.

Para Claudina viver não é sobreviver e é por isto que ela nos assusta, nos interrogando com os mesmos procedimentos *psi* com os quais nossa tradição tem nos acercado.

A instituição demarca o agenciamento loucura, única saída possível diante da composição de tantos fluxos contínuos de deficiências da vida. É no hospital que Claudina agrega-se, procura encontrar forças, promessas terapêuticas, saídas para um estado de coisas insustentável lá fora. Ao mesmo tempo em que acredita, duvida destas inexoráveis realidades que se colocam.

Todos os  
que  
entram em  
fria, ou  
pelo cano  
entram  
sabendo?  
O hospício  
é um  
Despotismo?<sup>64</sup>

“Estranhos poemas” serão trabalhados nas apropriações de Claudina dos procedimentos utilizados para fazer sua própria leitura do mundo. Estas breves palavras, “Gestos que expressam a força de um devir e de um sentido que é sempre, enquanto resistência, um devir-minoritário.”<sup>65</sup>

Nem sempre os devires de Claudina são emancipatórios. O que vemos são algumas expressões que buscam forças outras saídas, dúvidas, desconfiança do jogo dominante colocado.

A proposta de pesquisar a escrita entremeada por encontros e conversas com sua escritora, suscitou construirmos nosso território de pesquisa, implicando novos problemas, novas questões.

---

<sup>64</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Dezembro de 2004

<sup>65</sup> Vilela, Eugenia. Resistência e acontecimento. In: Kohan, Walter;Gondra, José(org.) Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 110

### ***3.2. E a conversa, para que serve?***

A decisão de realizar um acompanhamento da escritora Claudina durante o percurso da pesquisa exige algumas reflexões teóricas e práticas no sentido de problematizarmos a implicação do pesquisador numa intervenção. A partir dos primeiros contatos com Claudina, nos propomos a acompanhar o processo de sua escrita remanescente assim como falar sobre seus trabalhos anteriores. Atualmente Claudina não frequenta mais a Oficina de Criatividade, espaço do hospital destinado à expressão plástica e criativa, pois, segundo ela, trata-se de um *lugar onde apenas existem pessoas desmemoriadas, deficientes e ainda é obrigada a trabalhar*. Parece assim, referir-se aos corpos esvaziados, limpos de qualquer intransigência, efeito da cronificação hospitalar. De modo que para ela, trabalhar na oficina demonstra a aceitação absoluta das regras do jogo hospitalar, aos quais ainda resiste.

Nossos encontros aconteceram uma vez por semana, em horários combinados. Ocorreram durante 20 meses em períodos de conversas intermitentes, pois, muitas vezes, eram inviabilizados por momentos descritos por Claudina por estar *impregnada dos efeitos da medicação*.

Durante os primeiros meses do trabalho, Claudina esperava para falar da *situação crítica* que vivia no hospital. Ocasões de fazer pedidos para interceder junto à Direção do hospital para mandar embora uma paciente que queria lhe matar. Pedia também pequenos presentes como alimentos, agenda calendário do ano: *para saber onde se localizam os estados e as cidades e os dias*. Após alguns meses, começou a reclamar que eu não era concursada, que não poderia ajudá-la para mudar esta situação crítica. Lamenta que meu corpo não esteja agregado às partículas da instituição hospitalar. Não ser concursada não me possibilita me compor com partículas do poder e efetivamente possa modificar a *situação crítica*, a que seguidamente se refere.

*Todos têm problemas, os ricos dão uma outra solução. Nós aqui dependemos do hospital para resolver nossos problemas (...)*

Neste tempo, nossas conversas constituídas por diferentes afetos foram fazendo territórios dentro de agenciamento hospitalar. Encontros de matérias, formando agenciamentos maquínicos e de enunciação.

Claudina pede que eu suba no quarto. O cheiro de urina é terrível e ela convida para sentar numa cama vazia. *Se tivesse sofá, a senhora seria convidada a sentar nele. Estou muito cansada.* Pergunto se tem tido vontade de escrever. *Quando surgem idéias, informações, conversas com gentes importantes, com tudo o que escuto por aí, naquele outro caderno, a senhora leu? É sobre acesso...excluir...é o que está sendo muito falado, a senhora também acha? Por isto é que me vem as idéias e eu escrevo. Informações, ocorrências...é o que ocorre, não é ?* Pergunto quais escutas interessa e ela responde: *das pessoas, dos técnicos, dos médicos.* Busca o caderno que ela nomeou de “Rapidei” (Happy Day) para mostrar-me. Enquanto procura, recoloco questões da pesquisa, sobre o período de nossos encontros, os empréstimos de seus escritos e devolução, sobre a dissertação acadêmica. Enquanto isto, uma funcionária limpava o chão perto de nós. Claudina continua a conversar, enquanto mexia nas coisas de seu armário. *Aqui mora uma paciente que diz ser casada com o Fernando Henrique Cardoso, que foi o ex-presidente da república, ele é sociólogo, professor universitário e que anda agora por aí fazendo palestras.* A funcionária então pergunta incrédula: “como é que tu sabes de tudo isto, Claudina?” *Ah, minha senhora,* responde enigmaticamente, *eu sei de muita coisa, de tudo o que ouço por aí.*<sup>66</sup>

Encontros que, no dizer de Rolnik (2006), vão se familiarizando, imperceptíveis dinâmicas microfísicas, afetos intensivos, sensibilidades ao se misturarem efetua nos corpos, constituem um território, uma inteligibilidade.<sup>67</sup> Numa perspectiva deleuziana, a análise cartográfica engendra o pesquisador dentro da realidade pesquisada. O que existe neste modo de pesquisar são encontros, combinações ao acaso de todos os elementos do agenciamento. Portanto, “uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir.”<sup>68</sup>

Devir, “instrumento de uma clínica fina da existência concreta” não pode ser considerado como um conceito genérico, mas efeito incorporal da singularidade de cada encontro. Uma outra forma de viver e de sentir envolve-se nas nossas existências, fazendo-a fugir<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> Notas da pesquisadora. Março 2006.

<sup>67</sup> Rolnik, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2006.

<sup>68</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998. p. 10.

<sup>69</sup> Zourabichvili, François. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004 .p. 48.

Buscamos escrever o que pudemos apreender neste processo, a cada acontecimento, doar seu sentido. Buscamos fazer dos encontros, devires-minoritários, apreender nas combinações dos acasos, tudo o que o encontro permitir, sem direção prevista. Encontros que podendo ser escriturados, afirmam as potências de uma vida impessoal. O estilo dá às escrituras a possibilidade de transbordar as palavras, fazer falar os devires imperceptíveis, atos que constroem a vida em expansão.

A cada encontro, novos devires alteram nosso corpo, nosso pensamento. Não é voluntário, não se escolhe o que pensamos, somos açoitados pelo o que vem de fora quando atingimos graus de afetabilidade. Tudo isto é processo de aprender a experimentar. Numa pesquisa não se entra sabendo.

### 3.3. Escrever, para quê?

Hospital São Pedro  
Escrevendo em  
algum lugar.

Preciso informações  
Sobre tipos de  
Liberdades

Minha inspiração  
Se renova  
A todo instante<sup>70</sup>

Está-se perdido na sua vida, no que se escreve, no filme que se faz, quando precisamente se quer interrogar sobre a natureza da identidade de alguma coisa. Então aí “rateou”, pois se entra nas classificações. O problema é criar, justamente, alguma coisa que se passa entre as idéias e a qual é necessário fazer, de sorte, que seja impossível dar um nome e é, então, a cada instante, ensaiar, dar uma coloração, uma forma e uma intensidade que jamais diz o que ela é. É isto a arte de viver.<sup>71</sup>

Escrever não consiste em impor uma forma de expressão a uma matéria. É um caso de devir sempre inacabado.<sup>72</sup> *Grito porque ninguém me ouve*. O horror de não ser escutada, *pois já começam a reclamar*. Palavras que são condenadas às descrições clínicas e que são logo investidas na ordem da máquina de ministrar remédios, regras e saberes.

Chega um momento na vida, nos diz Duras (1994), no qual tudo é posto em dúvida, e esta dúvida chega sozinha. Nada pode escapar e isto é fatal. Dúvida que nasce da solidão. Aí, já se pode nomear pela palavra. “A dúvida é escrever”.<sup>73</sup>

Partimos de interrogações. Embora possam ser já afirmações, portanto ordenamentos. Tem momentos que é preciso interrogar sobre aquilo que não sabemos. Claudina escreve e podemos analisar a função desta escrita tanto para o

---

<sup>70</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Outubro de 1995.

<sup>71</sup> Foucault, Michel.. 1954-1988. Paris: Gallimard, 1994. **Conversation avec Werner Schroeter**. p. 251-260. (Dits et Écrits v.IV)

<sup>72</sup> Deleuze, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed 34, 1997.

<sup>73</sup> Duras, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.20.



“empoderamento” dentro de um agenciamento hospitalar quanto por onde arrasta, decompondo por devires a realidade ao qual está subordinada. Ela cria, e com toda a lucidez, segundo Duras, o desconhecido do seu corpo.

Hoje Claudina escreve poucas palavras: *escrevo para não esquecer. Tenho horror aos desmemoriados, aos deficientes deste hospital.* Escrita cuja função é *fugir do esquecimento e desmemoriados* que, segundo ela, *são os deficientes do hospital, os descalços e doentes mentais.*

Perguntei se gostaria de ter de volta os escritos guardados na Oficina de Criatividade, explicando que poderíamos lá deixar uma cópia e ela então ficaria com seus escritos originais. *Não, lá outros podem ler.*<sup>74</sup> . Escrever é o acontecimento cujo sentido “escrever” é sobrecodificado por Claudina: Escrever para não esquecer e não ser esquecida. Horror ao esvaziamento da palavra da loucura.

Escrever pode vir a ser uma maneira de se conformar a um código dominante, reterritorializar-se em um estado de coisas, ou tornar-se outra coisa que um escritor. Nem todo devir passa pela escritura, mas escrever é sempre um acontecimento. Mudar, atualizar-se.

O escritor como médico de si mesmo, diria Deleuze, que não se trata de cura, mas colocar-se em devir, criando um povo que falta, enunciação coletiva de um povo menor.<sup>75</sup>

*A senhora sabe, o mundo é dividido entre aqueles que como a senhora é proprietária, que tem casa, tem carro, tem família e aqueles como eu, e todos os outros que vivem aqui no hospital, que não têm nada...*<sup>76</sup>

Escrever para Claudina provém deste estado de miséria ajustado a um mundo dividido entre quem tem propriedades e quem não tem propriedades. Quem pode decidir alguma coisa são os proprietários como eu, que tenho família, carro, casa e *peessoas que me telefonam.* Claudina interroga, abre este cotidiano

---

<sup>74</sup> Notas pessoais da pesquisadora. Novembro de 2007.

<sup>75</sup> Deleuze, Gilles. **Crítica e Clínica.** São Paulo: Ed 34, 1997.

<sup>76</sup> Notas pessoais da pesquisadora.

acontecimentalizando a realidade. Traz nas palavras as lutas, as correlações de força tão desiguais entre aqueles que estão potencializados com a agregação de fluxos materiais que sustentam a vida com maior segurança e aqueles que, despossuídos e *descontados*, peças expressivas do maquinismo do capitalismo na sustentação moral e ajustamento social.

Este é nosso trabalho de pesquisa: trazer a partir destas experimentações, na radicalidade da sedação da clausura, a vida e o pensamento se fazendo acontecimento.

Buscamos trabalhar a palavra como uma forma de expressão dos acontecimentos, proposta inicialmente pelos estóicos, ampliada por Deleuze. Fazer um recorte cartográfico da máquina abstrata loucura, materializada nos agenciamentos em análise. A palavra aqui, é tomada como um dos múltiplos fluxos do agenciamento asilar, sem privilégios sobre outros modos de expressão.

Para ler bem, diz Bento Prado Jr. (1989) “é preciso por-se à escuta da voz original, redescobrir as diferenças de intensidade que a articulavam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.”<sup>77</sup> Longe de pensarmos o original enquanto origem e profundidade, buscamos encontrar o ponto de indiscernibilidade, o ponto em que as forças desmancham as formas e por onde as partículas virtuais se atualizam. Neste campo de forças, as palavras exprimem puros devires da matéria. A vida é apenas viver.

“Sustentar a vida em seu movimento de expansão”, não seria isto, o que fundamentalmente caberia a um psicólogo cartógrafo, pergunta-se Rolnik?<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> Prado Junior, Bento. A força da linguagem. In: Dascal, Marcelo(org) **Conhecimento, Linguagem, Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 64.

<sup>78</sup> Rolnik, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.p. 70.

#### ***4.0 agenciamento São Pedro: matéria expressiva***

S, Pedro=  
Materiais  
Do 1º Mundo  
Água mole  
Em pedra  
Dura tanto  
Bate até que  
fura<sup>79</sup>

Nossa pesquisa busca descrever os rastros, as marcas clandestinas dentro do agenciamento hospital São Pedro, a partir do emaranhado de matérias e acontecimentos enunciáveis que foram extraídos, conjugados e se misturaram os fluxos de Claudina durante mais de três décadas. Neste período destacamos saberes que produziram a loucura formalizada tanto pela psiquiatria tradicional e pela psicanálise em meados do século passado, quanto os da Reforma Psiquiátrica. Saberes que se entrecruzam dentro do agenciamento loucura expressos em práticas e dizeres que constroem processos de subjetividade doente mental como entidade e com todos outros fluxos em variação, expondo de modo embaralhado, os movimentos do que ainda não tem forma, tensão entre o que pode e o que não pode ser percebido.

Fazemos o recorte cartográfico da expressão de Claudina pela escrita determinada pela conjugação de diferentes agenciamentos que compuseram o Hospital São Pedro durante os quase quarenta anos de internação. Agenciamentos que são atualizações de outros agenciamentos que foram constituindo a loucura asilar.

Atlas  
Mapa Mun-  
di  
Geoatlas.  
H.S.P.  
Quase 200  
Anos.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. 2004.

<sup>80</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Setembro de 2003.

O que indica que estamos num hospital psiquiátrico e não em outro espaço qualquer? E mais ainda, o que define que estamos dentro de um espaço de contenção, de cura ou de promoção da saúde, ou qualquer outra função?

Entramos no HPSP. Prédios mal conservados, diferentes estilos arquitetônicos se misturam circundados por calçadas. Uma espécie de reprodução em pequena escala do desenho urbano de muitas de nossas cidades. Diante de uma pequena praça, onde estão posicionados alguns bancos, uma escadaria lateral nos conduz à porta de entrada do prédio, à direção e administração. Inúmeras reformas e camadas de tintas sobrepostas expressam os 124 anos do tradicional hospital psiquiátrico do Rio Grande do Sul. Algumas pessoas sentam nos degraus de mármore já gasto da entrada principal e seguem com o olhar quem passa. Na parede frontal do prédio destacam-se antigas marcas das escadas de acesso ao andar superior às portas do andar térreo. Marcas que trazem uma estranha sensação de um movimento de passagem interrompido. No grande espaço aberto em frente aos prédios, vemos pessoas deitadas na grama, ao sol, além de grupos coordenados por atendentes terapêuticos.

Ambulâncias cruzam as ruas desta pequena cidade constituída de usuários, técnicos, pessoal de limpeza, muitos estagiários de cursos profissionalizantes e universitários, além de máquinas de cortar grama, carros, ônibus de excursão que servem tanto para o passeio dos internos quanto para trazer estudantes e profissionais da saúde que chegam do interior para conhecer esta cidade.

Caminhando pela calçada da parte frontal, encontramos portas abertas. Cada uma delas é ocupada pelo pessoal do serviço terceirizado de limpeza, controle do ponto dos funcionários operacionais, local de entrega de rancho aos usuários, enfim peças do serviço hospitalar. Uma delas, em especial, chama a atenção por estar gradeada e ficar a vista, jogados ao chão, um antigo mural com as molduras vazias dos retratos dos antigos diretores, aparelhos de eletroconvulsoterapia e outros materiais hospitalares. O cheiro emanado é insuportável, dificultando a aproximação daquele museu a céu aberto. Portanto tudo o que conseguimos ver agora, corpos - pessoas e coisas - que se misturam e expressam os diversos regimes de sinais/signos dentro de um estranho

conjunto. Este agenciamento de coisas e acontecimentos nos situa neste atlas, neste nosso *mapa mundi*, dos modos como há mais de 200 anos organizamos e sistematizamos artificialmente a invenção da loucura/doença mental.

O mundo se faz e se desfaz por uma infinidade de agenciamentos, menos por descendências e mais por contágios. Imenso conjunto de corpos que ao se misturarem exprimem continuamente os efeitos destas misturas. O conceito loucura emerge e destaca-se de todos os movimentos do mundo, ganhando sua própria visibilidade a partir do século XVII. Desde sua emergência até este momento, a loucura modificou-se, animada por outros agenciamentos, fluxos de desejos, conexões entre corpos heterogêneos.

Apresentamos assim, alguns fluxos que interceptaram e construíram os mapas mundi da loucura asilar do H.P.S.P.

Claudina é um agenciamento que faz parte de outros agenciamentos que funcionam conjugados ao grande agenciamento da loucura. Agenciamento maquínico do desejo e enunciado coletivo. Cada movimento, cada gesto, cada expressão sua é destacada, recortada por uma grande máquina abstrata “loucura”. É maquinismo que define os deslocamentos dos diferentes elementos do agenciamento segundo os fluxos desejantes. A máquina abstrata da loucura funciona através de elementos concretos que se atualizam pela potência maior ou menor de transformação do agenciamento. É, portanto, impossível destacar a expressão escrita destas máquinas.

A expressão dos acontecimentos emerge de numa determinada configuração de forças, de matérias e fluxos, confinados e confinadores, de elementos tramados de fluxos econômicos, sociais, políticos, etc.

Muitas vezes, enquanto conversava com Claudina na unidade hospitalar Esquirol, pacientes se aproximavam, conversavam numa proximidade cordial pois alguns já eram conhecidos da pesquisadora de outros lugares do hospital. Também eram freqüentes as falas das funcionárias da limpeza que ao varrerem, se aproximavam ouvindo nossas conversas, dando opiniões as mais variadas. Claudina reagia de modo diferente a estas interferências. Às vezes assentia, noutras, ficava incomodada. Frequentemente, durante nossas conversas, entrava no quarto uma senhora e, após nos cumprimentar e falar poucas palavras mostrando apreço por Claudina, circulava pelo quarto, observando se os ventiladores estavam ou não ligados, se o quarto estava limpo, com iluminação adequada. Num determinado período, cerca de um mês, não

pude conversar com Claudina. Apresentava-se muito sedada. Certa vez, cruzei com esta senhora e ao cumprimentá-la, ela parou e me sugeriu ir à tarde pois talvez Claudina se mostrasse mais animada pois estava dormindo todas as manhãs. Respondi cordialmente que assim iria proceder para aquela pessoa que supunha ser uma supervisora da limpeza. Numa ocasião, conversando com Claudina, esta senhora passa por nós dizendo que finalmente tínhamos conseguido conversar. Ao sair, destaquei à Claudina a importância que esta funcionária dava a ela. Qual foi minha surpresa quando Claudina me disse que ela não era funcionária e sim uma interna.<sup>81</sup>

Claudina ao dar sentido ao acontecimento “saber” causado em meu corpo e responder “ser interna”, fez mudar completamente minha relação com aquela pessoa, querendo ou não. Isto é, ela desencadeia o acontecimento “fazer mudar” os fluxos do agenciamento em que nós três somos peças. Até aquele momento, a referida pessoa fazia parte de outro funcionamento no agenciamento, da “vigilância da limpeza”, com seus atributos corporais. A interceptação de Claudina transforma este estado de coisas, fazendo aparecer aí um acontecimento incorporal que estava imperceptível para mim. Com um poder de sentença, o acontecimento “saber” transforma uma funcionária presumida em doente mental efetiva. Os acontecimentos incidem no corpo, modificam realidades. Há sempre intercessores, interferências, mudanças de clima. O som dos verbos de Claudina intervém e senteciam: palavras de ordem e potências do acontecimento.

Os acontecimentos, embora não existam, não significam que não sejam reais. Eles subsistem como atributo dos corpos e expressam seu sentido, um dos fluxos expressivos é a linguagem.<sup>82</sup>

A cada modificação, a cada minúscula transformação dos corpos expressam transformações, acontecimentos. O sentido/acontecimento está na fronteira entre o estado de coisas e de outro nas proposições.

Por mais críticos que possamos ser, fazemos parte de uma máquina abstrata da loucura, somos elementos concretos que se atualizam pela potência maior ou menor de

---

<sup>81</sup> Notas pessoais da pesquisadora. Em 02/ 2008

<sup>82</sup>Fuganti, Luiz Antônio. Saúde, desejo e pensamento. In: Lancetti, Antônio(org). **Saúde e Loucura**, São Paulo, 1990, p. 19-82. p. 46. v. 2

transformação do agenciamento, para se rebater sobre o agenciamento ou desterritorializá-lo.

Claudina estava sentada, num canto escuro do hospital. Local que estava imundo e ela encontrava-se com a boca manchada de vermelho, babava alguma coisa e ao me ver, contrariada, cuspiu. Cumprimentado-a, perguntei se o que ela tinha cuspidido era o remédio. Ela concordou dizendo que, obviamente, se estava num hospital deveria tomar remédio. Sentia que minhas “inocentes”, e por vezes banais, perguntas deixavam-na mais contrariada. Imediatamente Claudina começa a falar de modo mais ríspido que o habitual, que teve dois filhos e ninguém mais vem visitá-la. Permaneço sentada, escutando suas falas vociferantes. Algum minutos depois, diminuí a intensidade de sua fala e começa a dizer que só a vida vale a pena. Eu apenas ouvia. Sentia que naquele momento deveria escutar toda a intensidade de suas palavras e também por não ter nada a dizer. Nenhuma saída se mostrava naquele momento. Ela então retoma a fala ríspio, olhando para a enfermaria que estava fechada. Como não tinha comparecido na semana anterior, pergunto se ela estava braba comigo e ela disse que não, mas mencionou que gostaria que eu fosse concursada porque precisava de alguém forte lá dentro para ajudá-la nos horrores que andam fazendo com ela no hospital. Uma delas é não poder gritar, que já começam a reclamar. *Mas, se ninguém me ouve tenho que gritar.* Daí lembrou-se da psicóloga que lançou o livro dela e disse que está lá há mais de 60 anos.<sup>83</sup>

Percebo e escrevo “Canto escuro, imundo”, sinais que destaquei por terem, de algum modo, se misturado ao meu corpo, desencadeando afetos que foram sentidos pelo meu olhar. No agenciamento São Pedro, o estado de coisas deste “canto”, impede ou diminui o fluxo de luz e não se mostra limpo. Percebo este brilho no instante fugaz do encontro do meu corpo com os outros corpos do agenciamento. Tudo já estava lá antes de mim e por instantes, aquela pequena parte do agenciamento expressa o “escurecer”, que é o próprio sentido do acontecimento. Escuridão daquele dia, naquele determinado agenciamento hospitalar. Apenas corpos e acontecimentos que só podem ser definidos por coordenadas, por latitudes e por longitudes. Apenas hecceidades.

A boca manchada de vermelho, babando. Quando me deparei com estes corpos exprimindo os acontecimentos “babar”, “vermelhar”, naquele momento ainda estava presa a uma interpretação, nem um pouco inocente, do agenciamento disciplinar hospitalar: o regramento e o sentido *a priori*, de ver alguém burlando as normas, sem evitar o asco de ver alguém naquelas condições e uma certa condescendência “materna” disciplinar. Somente mais tarde, pude doar os sentidos próprios daqueles

---

<sup>83</sup> Notas pessoais da pesquisadora em 28/06/2006

acontecimentos. Nada havia de inocente nas minhas proposições. Elas indicavam meu ajustamento às estruturas pré-formadas do sujeito do saber. Com isto, Claudina ficava bastante contrariada por minha surdez, pelos limites da potência do meu corpo ser afetado, de ir além das concepções pré-formadas da doença.

Claudina mesmo silenciada continuou se expressando. Perdemos nossa capacidade para expressões fugidias, só o que vemos é saber legitimado. Noutra ocasião, ao me encontrar com ela perguntei como estava passando:

*Bem, muito bem! Mas a senhora sabe, estamos num hospital, e tudo pode mudar a qualquer momento!*

Mas em outro dia, ao meu cumprimento inicial me responde:

*Mal! Como é que a senhora imagina que eu devo estar num hospital?*

Claudina sabe que a vida corre, os corpos entram em devires permanentes, mesmo em formas tão mortificantes quanto um asilo manicomial. O mundo em Claudina é sentido como variação contínua apesar de ser constantemente interceptado pelas continuidades.

*O que me faz escrever? Depende da cena. Eu aqui no hospital tenho dificuldade em ter silêncio. Tenho sempre muitos contatos, ouço as pessoas falando, notícias, tudo o que me dizem. Ao referir que eu estava pesquisando sua escrita e gostaria de conversar com ela sobre seu modo de escrever ela responde: Eu tenho que trabalhar muito aqui, as pessoas me pressionam. Muitos aqui já se aposentaram com 40 anos e depois morreram. Eu já estou aqui há mais de 80 anos.”(sic)<sup>84</sup>*

Tínhamos como finalidade inicial promover encontros para nos aproximar do processo de escrever de Claudina. Trazíamos como objetivo envolvê-la novamente no processo de escrita ou de vinculá-la a qualquer outra atividade de modo a retomar essa ou outra forma de expressão dentro do agenciamento hospitalar. Levá-la novamente para a Oficina de Criatividade. Claudina diz que até gostava da oficina embora, segundo ela:

*Lá sofria uma pressão incrível para trabalhar, ficava muito estressada e que não suportei mais. Lá também aconteciam coisas que nem contestam e nem admitem.*

---

<sup>84</sup> Notas da pesquisadora. Março, 2006



A partir deste acontecimento, todo um fluxo de descapitalização e descrença dos bons atributos, “criativos, prestativos, autodidatas e de categoria” recebidos no Hospital psiquiátrico emergem. Reclamava da *situação crítica em que se encontra*, envolvendo antigas promessas feitas pelo marido de ganhar uma casa, os bens familiares que lhe são devidos em partilha, as reclamações de ser *descontada* continuamente no hospital, a obrigação de tomar medicação, a pensão que recebe e que não dá para o que precisa e *não vê a cor do dinheiro*. A condição de Claudina era o de cansaço, de busca de uma aposentadoria.

*A senhora quando vem aqui perde muito dinheiro? Eu perco, perco horrores de dinheiro aqui.*

Claudina reclama muito de que não tem dinheiro, posses, armários. Despossuída de qualquer ganho, questiona sua situação dentro de um sistema capitalista que corta o fluxo de dinheiro de suas mãos.

*A X ganha dinheiro na oficina, ela passa correndo por mim. Tem celular chique(...) Na oficina só tem deficientes e desmemoriados, (...)Agora só vou a festas da Oficina.*

Claudina foi convidada para participar da Oficina de Escrita que acontece no hospital. Situada dentro do espaço da Oficina de Criatividade, é um projeto de pesquisa realizado pela UFRGS. Seus participantes são divididos em dois grupos: os usuários ambulatoriais, portanto não moradores, e dos usuários asilares. Os assim denominados *desmemoriados*, por Claudina.

Após escutar atentamente e bastante entusiasmada a apresentação da proposta para participar das atividades ao final, agradeceu, negando-se a participar, embora tenha aceitado de bom grado o caderno, a caneta e a pasta doados pelo projeto:

*É a coisa mais linda! Acho até que ela comprou em shopping e são iguais aos que meu marido utilizava!*

Mesmo expressando satisfação com o novo material e recebendo bem as visitas e os convites da coordenadora, não quis aparecer na Oficina, pois para ela:

*todos ganham muito dinheiro, menos eu.*

Após os convites e a recusa de Claudina em ir até a Oficina, solicitou que eu mandasse um recado dizendo que iria aparecer somente nos dias de festas, se convidada. Depois de algumas semanas, mostrou-me rapidamente duas páginas escritas com o material recebido, entendendo que a monitora do projeto não havia retornado porque ficou com medo:

*Vivo a dar avisos neste hospital. A senhora gostou? Eu achei muito bonito, diz Claudina levantando-se resolutamente da cama, pegando o caderno para guardar no armário. Eu vivo a fazer anotações desde criança. Sempre tive horror aos desmemoriados. Escrevo para não esquecer(...) A L. é uma exploradora. Eu sei que ela é rica, pois tem dentes bonitos. Não veio mais aqui, acho que ficou com medo da G. Eu intervenho dizendo: “ mas Claudina, tanto eu quanto L. não ganhamos dinheiro com os teus escritos. É que achamos que a escrita não te deixou desmemoriada, a escrita te faz bem e é por isto que achamos que seria legal se quisesse ir na oficina. (...)”. A L. trouxe esta pasta e este caderno. Eu não quero mais presentes. Pode ocorrer de eu ter que mudar e perder tudo como aconteceu comigo lá na Bleuler. Nos tiraram tudo e nos levaram para o Gigantinho. Eu tinha só a A. comigo (uma estagiária). Os armários não tinham mais portas, tudo ficou aberto(...)*

Diante de suas afirmativas de não querer mais presentes, questiono então se posso levar a agenda do ano, conforme o combinado, ao que respondeu categoricamente: *Ah, esta eu ainda quero!*

A partir deste convite recusado, pudemos pouco a pouco estabelecer reportações de fragmentos com fragmentos e começar a fazer uma análise da interrupção da escrita. Em determinado encontro, ela diz: *Pode ocorrer de me tirarem tudo de novo*. Esclarecia-me suas razões em deixar de escrever nos três últimos anos: expressava seu silêncio em relação às letras e ao modo como perdeu o espaço para escrever quando foi transferida da unidade Bleuler. Mudança de unidade que se expressa nas misturas dos corpos hospitalares e que Claudina faz parte. Expressão de acontecimentos que dizem de um estado de desposseção, descuido, perda da atenção e da escuta *psi*. Através de rápida e ocasional conversa com uma enfermeira que trabalha no turno inverso ao das minhas visitas, foi-me relatado que Claudina “ficou perdida desde que saiu da Bleuler. Lá tinha para quem escrever e escrevia muito. Agora fica por aí, pelos cantos.” Uma unidade asilar constitui-se num agenciamento expressivo. A denominação “Bleuler” anuncia não apenas o nome de um psiquiatra, mas uma direção, uma determinada organização. Claudina fazia parte deste conjunto maquínico em que se misturavam saberes, corpos, organizações, fluxos diversos aos quais se conectava como parte de tudo isto. Ela fora transferida de uma Unidade que

fora extinta e lhe proporcionava mais encontros, mais acolhida às suas criações, relações de forças que vão de um ponto a outro, estabelecendo um emaranhado de forças que possibilitavam a emergência desta escrita. Com a transferência, novas forças, novas relações de corpo alteram este emaranhado. Solitária, seu corpo modifica-se de doente mental para uma indignidade existencial. Devido as mudanças hospitalares, ao que nos indica, diminuem os investimentos na área asilar diminuindo assim os procedimentos *psi* da escuta, das conversas, de um espaço que permitiam a sua expressão escrita, e denominar-se assim *a mulher dos papéis*. Novamente despossuída, agora do saber *psi*, escrever não queria mais. Claudina queria conversar.

O agenciamento da loucura e a força dos saberes *psi* são incorporados desde nossos primeiros encontros. Claudina interroga a possibilidade de retorno do “sujeito de saber”, demarcações discursivas *psi* que fixam um conjunto de regularidades esperadas. Diante da possibilidade de novos encontros com uma psicóloga, Claudina põe em pauta em seu enunciado os verbos perdoar e esperar, dois acontecimentos próprios do agenciamento hospitalar em que está conjugada. Um deles é o efeito incorporal “esperar por tudo num hospital”. Ao enunciar os versos de Geraldo Vandré, expressa a possibilidade de produção de mudanças, de novas realidades, de inconformismo e de transformação revolucionária:

Perguntas sobre  
Liberdade e te-  
rapêutica.  
D. Regina: 2 ver-  
bos:  
Perdoar e Espe-  
rar.  
Esperar pra tudo  
Vem vamos embo-  
ra que esperar  
não é Saber!  
Quem sabe faz  
agora, não espera  
Acontecer!<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Março 2006.

Claudina apresenta as falas que interceptam o acontecimento, problematiza-os nas palavras. Tem interesse pelos acontecimentos, pelos diferentes estados de coisas expressos por uma mesma palavra no agenciamento loucura:

“Dra. Geny , Antiga Psicóloga desse Hospital.  
Aprontando? Só se for com o Cigarro.  
Sei tudo o que é Problema meu, e tudo o que é Problema seu!  
Comigo: Valem as Provas de sensatez.

Medicações Psiquiátricas,  
Quem se recusa a tomar? Por que será?  
Apoio e forças e segurança pra perguntar:  
Qual é o problema?<sup>86</sup>

Preste atenção:  
Agendas-cadernos-  
Papéis: colocação de  
Assuntos  
Esclarecimentos

Depoimentos  
Informações  
Satisfações  
Todos materiais de trabalho e  
Todas as preparações  
Tudo o que é combinado.  
E o que será, aprontar?<sup>87</sup>

“E o que será aprontar?” O verbo “aprontar” para a psicóloga, ao que nos indica é cometer pequenos desvios, que não ferem com a disciplina hospitalar, meras condescendências *psi*.

Claudina entende “aprontar” enquanto “fumar cigarros”, desviar-se das regras, romper com o combinado. Responde, então, que já sabe de todos os seus defeitos: *sei tudo que é problema meu...* Assim como também sabe que dar provas de sensatez, mostrar a lucidez num regime psiquiátrico é tarefa necessária assim como pouco

---

<sup>86</sup> Escritos pessoais, dezembro de 1999.

<sup>87</sup> Escritos pessoais, abril de 2000.

provável quando as forças já estão estabelecidas. “Aprontar” é atributo de um mesmo estado de coisas. Verbo cujo sentido doado é desviar-se de alguma combinação. Torna-se uma palavra de ordem, sentença moralizante. Mas ainda assim, interpela esta realidade trazendo à tona a possibilidade de rebeldia quanto à medicação, a necessidade de alianças disciplinares: *apoio e forças de segurança...* Está atenta a todos os procedimentos confessionais hospitalares. E se só “apronta” fumando, então ela sabe que obedece às regras, o “combinado” dos jogos de poder, logo, cabe ela perguntar: “E o que será aprontar?”

Escrever pode mostrar devires, mostrar outra história que acontece, transformar, mudar peças paralisadas.

*(...)Eu disse para a senhora, outro dia, que estava muito velha para escrever, mas eu tenho tido algumas idéias e tenho escrito!* Fiz um comentário “confortador” sobre sua saúde, dizendo que ela estava bem disposta, ainda “jovem” para escrever. Ao que Claudina responde enfaticamente que continua velha mas*(...) tem tido idéias, inspirações que precisa escrever senão se perde no vento(...)*

Muitas vezes, movida pela sensação de total despossessão da vida de Claudina, tendia a fazer tais tipos de comentários “confortadores”, tentando evitar o horror de um vazio. O surpreendente é que nosso corpo pode atingir novos limiares, se afetar com novos acontecimentos. O verbo “envelhecer” expresso no devir-Claudina é acontecimento. Escrever emerge num corpo cujas partes envelhecem mais ou menos rápido. Dentro no hospital, quando todas as partículas parecem já estar consolidadas, algo ocorre, subvertendo as linhas de segmentaridade dura que fixam e sedimentam sentidos, referências de velhice e aposentadoria, exclusão da jovialidade. Claudina expressa “estar velha”, “ter idéias” e precisar escrever estas idéias para não perdê-las, marcá-las na memória do mundo, na duração.

O devir-Claudina sofre diferentes transformações que não se relacionam com saúde ou com doença. É multiplicidade fazendo borda com outra multiplicidade e que nem sempre são processos emancipatórios. Muitas escrituras contêm palavras de ordem estabelecidas, confirmatórios da realidade da loucura que é ensinada. Claudina

mostra certos regimes de verdade: (...) *tudo o que dou por certo e tudo o que dou por errado.*

Ocupo a maior parte do meu tempo fazendo Amigos. Diretores administrativos do H.P.S.P. <sup>88</sup>

Recebendo Aulas. Dando Aulas. Psicanálise Medicina e demais ciências <sup>89</sup>

Por sua vez, propria-se das interrogações dos técnicos que vivem fazendo perguntas, retirando material para suas análises. Racha as entrevistas, aquilo pelo qual o *psi* utiliza para retirar a verdade da loucura, aprisionar com suas verdades sobre a doença, categorizando num diagnóstico. Apropria-se das perguntas presentes nos procedimentos *psi* tensionando a interrogação. Faz aparecer signos aprisionados sob a forma de sintomas, desterritorializando a língua dominante hospitalar para novas possibilidades de existência. Afeta a língua maior, impede a sua homogeneização. Interrogações que não se reduzem às imitações. É questão de devir-minoritário: “inventar novas forças ou novas armas.” <sup>90</sup> Interessa-se por verbos que não se detém no estado de coisas, mas no acontecimento.

Assim= Quando estou falando de Ordem e Organização. Sinônimo de Expurgar

---

<sup>88</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Dezembro de 2004.

<sup>89</sup> Idem s/d

<sup>90</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 26.

Excluir  
Expulsar  
Transição  
Que é uma  
Transição?<sup>91</sup>

Interrogações clandestinas, um procedimento de ocasião. Força de interrogação e instituição de realidades que Claudina usurpa, apreende dos interrogatórios, desterritorializando-os, afetando novos agenciamentos que levam para fora do hospital. Condição de afetabilidade de uma escrita que vem a público pelo livro, pelos estagiários e residentes, pela academia e por todas as pessoas que os lêem. Fuga das escritas do asilo para o mundo:

Entrevistas desde a  
Minha infância  
Que venho fazendo  
Perguntas sobre  
Tudo o que quero saber.

Já desenvol-  
vi milhões  
de Questio-  
nários.  
Que são Bar-  
reiras Intrans-  
poníveis?<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. 2004.

<sup>92</sup> Pereira, Claudina. Notas Pessoais. s/d.

## ***4.1. Alguns processos de Liberdades e Terapêuticas: o HPSP***

Hospital S. Pedro.  
Escrevendo em  
Algum lugar.

Preciso informações  
Sobre tipos de  
Liberdades.  
Minha inspiração  
se renova a todo  
O Instante.<sup>93</sup>

Claudina experimentou de perto as decisivas alterações nos processos de “*produção de liberdades e terapêuticas*” comandadas em políticas institucionais nas três últimas décadas que ocorreram dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Fundado em 1884, até meados da década de 70, foi o único hospital público no Estado que centralizou o atendimento psiquiátrico assim como a formação de especialistas em psiquiatria. Referência em saúde mental, atraía todos os interesses em termos de serviços e assistência ao doente mental. Ligado diretamente à Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, cuja sede era no próprio hospital, como é de se esperar, constituía-se no núcleo de concentração dos investimentos públicos e de ingresso de novos profissionais.

Tal como ocorreu em muitas capitais do nosso país, os anos 60 e 70 foram marcados por novos arranjos sociais em virtude da internacionalização da economia e da entrada de capital estrangeiro. Porto Alegre recebeu um novo Plano Diretor, sendo cortada por novas vias de acesso, destruindo os antigos e acanhados casarios coloniais. Novos edifícios se confrontavam com uma cidade ainda pequena e provinciana. Remodelada, Porto Alegre revela suas mais intensas contradições sociais, num período político de instabilidade. A classe média cada vez mais seduzida pelos padrões de

---

<sup>93</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Novembro de 1995.



consumo dos Estados Unidos, fazia forte contraste com a vida das classes populares, situada nas periferias, e encostas dos morros. A vida do porto-alegrense oscila entre os *nights clubs* dos abastados, as apostas do jóquei-club, a boemia nos bares das classes populares, o carnaval e os jogos de rinhas utilizadas pelas populações periféricas dos morros.<sup>94</sup>

É neste clima de transformação urbana, de passagem de uma democracia populista para o autoritarismo militar, é que situamos sua chegada ao HPSP. Foi encaminhada pela Santa Casa de Misericórdia ao Hospital São Pedro devido a distúrbios de conduta, diagnosticados inicialmente como Psicose Psicogênica. Segundo constam nos prontuários: “1ª baixa: 22/03/1963. Claudina Pereira, data de nascimento 8/11/1939, família de 7 irmãos, infância normal, sem consanguineidade familiar com alienados. Sintomas apareceram no pós-parto, carinhosa com o bebê, tornou-se indiferente. ECT, insulinoapia.”

A entrada, em março de 63, antecede à implantação dos propósitos do “Plano de Expansão dos Serviços de Assistência Psiquiátrica”, em 1965. O clima de tranqüilidade e cordialidade “pós-revolução”(sic) foi ressaltado no discurso do Doutor Luiz Carlos Meneghini, primeiro médico psicanalista que assumia a Direção do Departamento de Saúde Mental da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul. Bastante otimista, destacava a introdução oficial da orientação psicanalítica, compondo-se com a psiquiatria vigente e os esforços para o aprimoramento profissional e terapêutico. Vale assinalar que no Hospital tal composição já vinha impregnando o pensamento psiquiátrico desde 47. Tal como podemos ler no seguinte fragmento do discurso de posse:

O método psicanalítico na aproximação ao enfermo psiquiátrico e os ensinamentos de Freud aplicados à medicina e às outras ciências do homem surgiram no Rio Grande do Sul em 1947, com Mário Martins. Desde então, graças às qualidades pessoais que todos lhe reconhecemos e aos esforços de outros que a ele se associaram, passou a psicanálise, progressivamente, a impregnar o pensamento psiquiátrico do Rio

---

<sup>94</sup> Pesavento, Sandra. (Coord.) **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

Grande do Sul e a influir decisivamente na orientação da assistência ao doente mental em nosso estado.<sup>95</sup>

Os anos 70, marcados pelo “Milagre econômico” da ditadura militar, foi o período de maior destinação de verbas para a assistência psiquiátrica. No HPSP, desde 64, havia um esforço de transformação do “nosocômio de tipo asilar” para uma comunidade terapêutica mediante o emprego de fundamentos psicodinâmicos, enfatizando a recuperação de agudos e reabilitação de crônicos através de psicoterapia individual, emprego e manejo de novas drogas, emprego de técnicas de grupos operativos, praxiterapia e ambientoterapia.<sup>96</sup>

O júbilo com a implantação do método psicodinâmico se deve principalmente à pressuposição de “orientação terapêutica inovadora” como transformadora da realidade encontrada nos serviços de saúde.<sup>97</sup> Quase todos os serviços de saúde centralizavam-se no Hospital São Pedro que contava na década de 60 com uma população de 4.500 internados, além de 14.000 consultas anuais fornecidas pelo serviço ambulatorial. Um dos maiores desafios da direção era o de transformar o São Pedro em hospital-base do Departamento de Serviços de Saúde, preparando os técnicos para o “desafogo”, e para isto cumpre “abordar corajosamente agora o problema dos pacientes crônicos”. E uma das soluções era construir hospitais –colônias, compatíveis com os avanços psiquiátricos da época e uma “antiga aspiração de psiquiatras e dirigentes desta casa”. Além disto, necessitava-se ampliar os serviços de saúde com a construção de um hospital de psiquiatria infantil, com possibilidades de abrigarem oligofrênicos.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> Meneghini, I. C. *À sombra do Plátano*. Porto Alegre: Emma, 1974. p. 18.

<sup>96</sup> Idem. p. 25

<sup>97</sup> Segundo Gabbard a psiquiatria psicodinâmica “constitui uma abordagem ao diagnóstico e tratamento, caracterizada por um modo de pensar acerca do paciente e do clínico que inclui o conflito inconsciente, os déficits e as distorções das estruturas intrapsíquicas e as relações objetivas internas.” In: Gabbard, Glen.

**Psiquiatria psicodinâmica**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 24.

<sup>98</sup> Meneghini, L. C. *À sombra do Plátano*. Porto Alegre: Emma, 1974. p. 20.

O crescente “problema dos crônicos” na década de 70 tentou ser contornado através da “Campanha de Reabilitação de Pacientes Crônicos”, em que se contrataram psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e praxiterapeutas.<sup>99</sup> Segundo relato posterior do diretor: “O entusiasmo dos que a conduziram no contato difícil e direto com o paciente, ao cabo de um ano dava seus frutos: a taxa de crescimento da população hospitalar, que vinha sofrendo um aumento implacável de 3% ao ano, sofrera pela primeira vez não só um estancamento, como um decréscimo: 10% no primeiro ano de Campanha.”<sup>100</sup>

Fagundes (2006) revisita os arquivos da Secretaria Estadual da Saúde encontrando, já em pauta em 1925, a necessidade de descentralizar o atendimento dos doentes mentais em função das críticas ao modelo hospitalar adotado que mostrava sinais de fracasso. A preocupação por parte do setor público direcionava-se em função da falta de recursos financeiros e humanos para dar conta da superlotação, em virtude do crescente abandono e a cronificação dos doentes mentais. A proposta de serviços extra-hospitalares veio a ser colocada em prática somente a partir da década de 50 e 60. Os propósitos da setorização eram os de descentralizar o atendimento vinculando o paciente a sua localidade.<sup>101</sup> Deslocando o eixo paciente/hospital para o eixo paciente/posto de saúde, objetiva-se diminuir a população de crônicos do hospital. Soma-se a esta iniciativa, o retorno de pacientes crônicos para as cidades de origem e o para a Colônia Agrícola de Reabilitação de Itapuã.<sup>102</sup> No Estado, a criação de ambulatórios de Saúde Mental surgiu a partir de 1964 para desafogar a população de

---

<sup>99</sup> Idem.p.60

<sup>100</sup> Idem, ibidem

<sup>101</sup> Serão encontradas indicações mais precisas das políticas mentais de saúde postas em prática no estado em Fagundes, Sandra. **Águas da implicação: intercessões da Educação para políticas públicas da saúde**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>102</sup> O Hospital de Itapuã, localizado em área rural, nas imediações de Porto Alegre, serviu inicialmente de Hospital-colônia destinado aos pacientes com hanseníase. Hoje, além destes pacientes, também atende pacientes ambulatoriais das comunidades próximas.

enfermos, muito superior à disponibilidade de leitos no HPSP. O próprio Diretor faz uma análise retrospectiva e crítica a esta questão em jornal local, anos depois, em 1972: “A simples criação de ambulatórios, entretanto, originou maior demanda de nossos serviços, o que nada aliviava a pressão representada pela crescente população de crônicos ou cronificados no HPSP, nos desolados pátios das Divisões Esquirol e Pinel”.

103

Enquanto que nos anos 70 a política de saúde mental priorizou a expansão dos serviços de atenção, os anos 80 foram marcados pela tendência de unificação destas políticas. A proposta política do “Plano Estadual de Saúde Mental” definia as particularidades das ações integradas de saúde através da lógica da programação: delimitação de prioridades, elaboração de manuais, programas de cuidados primários, qualificação para os técnicos.<sup>104</sup> Apesar da implantação das novas tecnologias e programas de educação preventiva, os usuários continuavam a ser estigmatizados. Fagundes(2006) observa que, se nos anos 60, dos 5.000 institucionalizados, restaram 3.000, nos anos 80, encontravam-se “apenas” 1.400 pacientes.

Os investimentos serão ampliados em benefício de outros serviços fora do hospital embora o HPSP continue a internar “os casos difíceis”. Vemos então que o problema do doente crônico não havia sido amenizado, ao contrário, aqueles considerados sem possibilidades de qualquer remissão sintomática pelas terapêuticas mais avançadas continuam a ser dirigidos ao HPSP, que por sua vez, vai passar por um processo silencioso de desinvestimentos por parte do governo. No que se refere à área asilar, os cuidados terapêuticos serão gradualmente retirados, restando apenas os cuidados assistenciais, deslocando os “doentes mentais” para a “indigência” assistencial. O asilo psiquiátrico nada mais faz do que expressar o mais radical produto histórico emergente do capitalismo, constituído de saberes e práticas de segregação: o doente mental confinado crônico. É também a amostra mais aterradora de um projeto

---

<sup>103</sup> Meneghini, L. C. *À sombra do Plátano*. Porto Alegre: Emma, 1974. p. 58.

<sup>104</sup> Fagundes, Sandra. *Águas da implicação: intercessões da Educação para políticas públicas da saúde*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

político e terapêutico fracassado. Sob outra perspectiva, podemos verificar o mais efetivo silenciamento e sujeição: o desinvestimento a qualquer vontade, a suspensão e o ocultamento de determinados comportamentos que nossa cultura capitalista não pode suportar. De qualquer modo, são sinais que evidenciam alterações nos regimes de saber da psiquiatria tradicional, mostrando sua fragilidade terapêutica e, portanto, necessidade de composição com outras concepções. Claudina descreve suas equações, interrogando diretamente esta realidade da mais radical exclusão moral do asilo psiquiátrico:

Quando=  
Tudo a ver  
Positivo  
Operante.  
Quando=  
Negativo:  
Nada a ver.

Novamente  
Colocando  
Quase que  
De tudo.  
Um homem  
Que não tem  
Nada, é  
Um homem  
Inútil?  
Um homem  
Que não tem  
Nada é  
Uma pessoa  
Imprestável?<sup>105</sup>

A entrada formal da psicanálise no hospital, no início dos anos 60, vai se dar quando o problema dos crônicos mostra que a psiquiatria não tem mais respostas, o que poderia gerar um impasse terapêutico e político. A psicanálise reformula as pesadas concepções tradicionais da psiquiatria por retomar a palavra do louco enquanto elemento essencial do seu método: a palavra reprimida. Ao seu tempo, integra as novas produções sintomáticas de uma sociedade em transformação. A psicanálise, ao compor-

---

<sup>105</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Dezembro de 2004.

se com a psiquiatria vigente, vai proporcionar novas práticas e conhecimentos técnicos direcionando-se para uma nova demanda de conflitos psíquicos de uma classe social, urbana, mais abastada e em expansão. Os consultórios particulares vão acolher a ampliação da demanda dos transtornos neuróticos, internando apenas os pacientes portadores de transtornos mais graves. O asilo, herdeiro da exclusão moral do pobre, do velho, do inválido da Idade Clássica, perpetua a internação do despossuído, *os não-proprietários*, segundo as definições de Claudina que faz uma divisão do mundo entre aqueles que são *os proprietários e os não-proprietários*, do mesmo modo como separa a *Porto Alegre sadia da dos loucos do São Pedro*. A medicina moderniza-se, juntamente com os novos saberes que se conjugam ao agenciamento hospitalar, integrando a psicanálise como possibilidade de atualizar as práticas, perpetuando assim estas dicotomias. Quem não pode pagar, fica de fora dos cuidados terapêuticos mais singulares.

A entrada da psicanálise de Freud, como método de investigação da palavra interdita cotidiana, poderia nos parecer momento privilegiado do pensamento médico ao restituir a possibilidade de diálogo com a desrazão. Nada nos indica, no entanto, nos relatos dos prontuários, quanto na história do hospital, a força da intervenção psicanalítica nos tratamentos no hospital, de modo mais amplo. A força da psicanálise parece ter sido reduzida ao grupo “dos proprietários” pertencentes à nova classe social emergente da sociedade. A psicanálise permaneceu sob os poderes médicos que foram atualizados de modo a ampliar o público portador de conflitos psíquicos que, até então, não eram considerados como passíveis de tratamento.

O incremento dos serviços de saúde não surtiu o efeito desejado. O Estado e os serviços públicos, assim como a família e o tipo de serviços psicossociais não podem dar conta de uma produção social da loucura. Agora o agravante, segundo aponta Fagundes (2006), era o de que o hospital descomprometeu-se de cuidá-las. Deste modo, a família e as localidades não estando “preparadas” para recebê-las, continuavam a reproduzir a cronificação. Quando inseridos na rede de saúde, a hospitalização, agora, a céu aberto,

perpetua a prescrição de medicamento, a reinternação e, por conseguinte, a manutenção do indivíduo fora do processo produtivo social.

A partir dos anos 80 surge entre médicos e não médicos, dentre eles, psiquiatras e psicólogos, alguns tensionamentos e disputas quanto à distribuição das funções e métodos do tratamento da loucura. Jogos de poder entre aqueles que já controlam há muito tempo a loucura e os novos profissionais que haviam sido convocados exatamente para suprir a demanda da loucura.<sup>106</sup> Ainda não estava em pauta discutir questões éticas e políticas em relação à produção do doente mental asilado que já estava sendo discutida e formulada em alguns países europeus há pelo menos quatro décadas.

*Excluir é sinônimo de expulsar?* Claudina diz que leu no Serviço Social que excluir é o oposto de cuidar. *Aqui já excluíram demais, já mandaram embora, agora não mandam mais.* Fragmentos discursivos, pedaços desconexos de espaços-tempo conectados pelas mãos, desterritorializando os discursos. O que se diz na informação, no cartaz lido por ela, repercute na necessidade da realização pela escrita, de outros movimentos vividos por ela. Por que Claudina faz esta leitura estrangeira, a partir de num pequeno fragmento de um anúncio? Excluir expressa o estado de coisas de abandono, indignação, entrega a uma vida institucional, pois lá fora assusta. A partir do movimento antimanicomial, que responde a uma luta resistente a todo este assujeitamento institucional da loucura, Claudina expressa todo o abandono, a dificuldade de viver lá fora. O que fazer se for excluída desta realidade em que foi construída? O que é então, o doente crônico, senão alguém que não serve mais para nada, nem para ser asilado?

O anúncio: “excluir não é cuidar” para Claudina, ao que nos indica, enuncia um engodo, uma vez que a realidade que constitui a loucura, a exclusão que está fora do

---

<sup>106</sup> Sobre as novas políticas afirmativas da psicanálise, assim como as disputas surgidas entre psiquiatras e psicólogos, ver interessantes aspectos levantados por Meneghini, L. C. **À sombra do Plátano**. Porto Alegre: Emma, 1974.

manicômio ainda está em ação. Excluir não é cuidar, mandar para fora também não é cuidar. Ser doente mental crônico é alguém que não serve para mais nada.

E durante anos, apesar da ampliação dos movimentos pela democratização da saúde, de emancipação e reformas psiquiátricas, Claudina vai permanecer hospitalizada. Participou de perto de importantes conquistas políticas relacionadas a propostas inovadoras resultantes dos Movimentos antimanicomiais empreendidos na década de 80 concretizados em ações tais como o Projeto São Pedro Cidadão (1999-2002), que teve como uma das suas conquistas a construção das moradas do São Pedro, com a construção de 20 casas destinadas aos usuários do Hospital.

Claudina preferiu permanecer na unidade *por não ter que morar em um lugar pequeno com pessoas que não conhecia*. Dificilmente alguém com tantos anos de enfraquecimento e desinvestimento de autonomia, seja por tutela hospitalar, seja por medicação, faria a escolha por algum movimento emancipatório. É próprio do procedimento de cronificação incorporar um estilo de vida subalterno. Ela não vê vantagens em ter que cuidar e conviver com pessoas que não são do seu agrado. Agarra-se à assistência social. Como uma *não-proprietária*, reconhece que uma vida sem propriedades não é nada fácil. Neste caso, faz sua análise de “custo-benefício”, preferindo o *conforto do hospital e de uma comida que não é tão ruim assim*. Claudina refere-se ao hospital como um *hotel*, pois precisou morar lá por não ter onde morar, *a única diferença é que precisa tomar remédios*. Ao mesmo tempo expressa discordância por não poder possuir qualquer coisa.

O dia a dia da internação revela uma série engrenagens que vão mostrar que ela já havia participado do dia a dia do hospital de modo ativo, servindo à Direção Geral como *secretária, Mulher dos papéis*, levando ofícios para as diferentes unidades e estando sempre com papéis de rascunhos escrevendo.

Direção do Hospital  
S. Pedro-Muitos  
Homens na Direção,  
Desde Antigamente.  
Quando Eu também fazia os Serviços  
de  
Psicologia e até  
Serviços Gerais de



Psiquiatria.  
Quando Eu era  
Guarda na Guarita.  
Quando Eu era Ins-  
trutora na Reabilitação.<sup>107</sup>

Embora a relação com a Direção ao final dos anos 90 tivesse sido mais qualificada no sentido do envolvimento com os novos fluxos da reforma psiquiátrica, o hospital ainda manteve fortemente a estrutura organizativa nas mãos dos médicos, a hierarquia vertical, as relações preferenciais com os pacientes, as recompensas e vassalidades que se misturam a medicação e disciplinas rigorosas. Saberes que têm o poder de fazer aparecer a doença, o dom de dominá-la, tratá-la, fazê-la desaparecer. Claudina faz aparecer este domínio silencioso desta servidão na medida em que trabalha e se submete sem receber a recompensa dos contracheques como vê acontecer com os demais funcionários. Produção de verdades que Claudina sucumbe e também desconfia da armadilha criada:

Nunca consegui  
contracheques para  
receber dinheiro  
em nem um local e  
nem um outro documento.

—  
Nota: Sei bem  
quandos meus  
esforços valem  
Dinheiro.<sup>108</sup>

Aquele que detém o saber *psi* simultaneamente diz a verdade da doença assim como pode produzir na realidade a doença na sua verdade, pelo poder que sua vontade exerce sobre o doente. Constrangido pela força das palavras do saber, o doente sucumbe à afirmação de seus desejos.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Fevereiro, 2000.

<sup>108</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. 1995.

<sup>109</sup> Foucault, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France. 1970-1982.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

A cada nova composição de forças, altera o estado de coisas do agenciamento São Pedro. As novas terapêuticas que foram sendo introduzidas apenas reduzem os efeitos colaterais da inexorabilidade do assujeitamento da loucura. O agenciamento hospitalar “limpava”, deixava de fazer serviços os “sujos”, invasivos como o uso de eletrochoques, para utilizar terapêuticas medicamentosas “limpas” e outras terapias de controle transparente que ampliavam vultuosamente a produção da loucura mais contemporânea. Não é de se estranhar que durante os anos 60 o HPSP, em virtude do aumento de usuários, necessitou contratar psicólogos e assistentes sociais, tendo em vista o número insuficiente de médicos preparados. Com isto, todo um arranjo de forças se expande com os novos prestadores de serviços *psi*. A psiquiatria tradicional por outro lado, combinada à psicanálise é fortalecida. Moderniza-se, afasta-se do risco de estagnação dos métodos tradicionais radicais que investiam na invasão do corpo e na sua conseqüente invalidez. A psicanálise não apenas traz novidades como vem a responder a uma demanda crescente de novas crises instauradas por novas exigências sociais.

Em nome da saúde, a realidade é construída sobre a necessidade da loucura e de seu esvaziamento. Movimento que fortalece poderes e justifica a luta contra a afirmação de vontades irrefreáveis, como é considerada a loucura. Com a medicação e a diminuição dos efeitos invasivos, concretos, aumenta a capacidade de cada usuário tolerar suas limitações diante de uma sociedade de controle que exige cada vez mais eficiência e agilidade.

A busca de novos métodos, os investimentos em novas unidades e em novos profissionais não se traduzem apenas na questão de que a produção da loucura cada vez mais se tornava um bom negócio. A emergência do saber psicológico está diretamente relacionada com a necessidade estratégica de controle imaterial dos processos de subjetivação, como referem Silva e Nardi (2004), o que nos permite entender esta proliferação de doentes mentais a partir do olhar e dos saberes cada vez mais especializados. O crescente processo de fiscalização e normatização dos

comportamentos anuncia as novas necessidades de organização da sociedade nas vias do capital.<sup>110</sup>

Podem ocorrer sucessivos deslocamentos dentro de um mesmo agenciamento e entre um agenciamento e outro. Qualquer comportamento que foge aos regimes do saber é considerado anormal, portanto deve ser tratado. Há toda uma exacerbação de controle dos estados dos corpos e dos acontecimentos.

#### ***4.2. “Que são gentes com parafusos frouxos?”: a ruptura do diálogo***

O saber em Foucault se define por suas combinações do visível e do enunciável de cada formação histórica. O saber, portanto, “é um agenciamento prático, um ‘dispositivo’ de enunciados e visibilidades.” Quando falamos sobre os saberes da loucura, não se trata de uma ciência separada dos estratos ou a partir deles, contextualizada. O saber é o próprio estrato ou o “empilhamento” de diversos estratos constituídos de práticas discursivas de enunciados e práticas não discursivas de visibilidades.<sup>111</sup>

Em *Vontade de Saber*, Foucault vai definir o efeito eficaz das práticas discursivas como modos de transformação específicas da realidade. Caracterizam-se por demarcações de um determinado campo de projeto, definidos por perspectivas consideradas legítimas por um sujeito do conhecimento. Baseadas num conjunto de escolhas e exclusões fixam um conjunto de regularidades que não coincidem com descobertas individuais de um sujeito das ciências. Tais recortes não são manifestações da vontade de um sujeito do conhecimento, mas provém de um saber anônimo e polimorfo.

---

<sup>110</sup> Silva, R.;Nardi, H.C. A emergência de um saber psicológico e as políticas de individuação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, V. 29, n.1, p. 187-198, 2004.

<sup>111</sup> Deleuze, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 60.

As práticas discursivas não se reduzem as condições de realização dos recortes. Ultrapassam, ganham materialidade na medida em que se infiltram e disseminam-se no conjunto de elementos materiais, instituições, comportamentos e educação os mais variados possíveis, impondo e transformando realidades que por sua vez, também vão transformar e sustentar tais práticas discursivas.

Sem um objeto específico a se impor realidades, elas podem incidir em seus próprios conceitos, no seu afinamento, num conjunto de relações sociais fora delas e em também em outras práticas discursivas. Sua eficácia deve-se a sua disseminação em múltiplas formas e não apenas como resultado, mas do efeito exercido por um conjunto de funções precisas em relação ao jogo e ao recorte de exclusões e escolhas.<sup>112</sup>

As práticas e os dizeres do agenciamento da loucura são invenções produzidas a partir de um jogo de sensações, impulsos e desejos que incitam a vontade de exclusões e de escolhas. Os recortes produzidos respondem ao interesse em dar continuidade às delimitações da realidade. O conhecimento produzido é frágil, produto de embates, de agonismos. Não é efeito de uma faculdade, mas de uma série de acontecimentos que passam a ser nomeados e determinados.

A canção, quem manda na  
minha vida sou Eu”(Bis)  
Do verbo convencer.  
Na Faculdade de Psiquia-  
tria: Só pra ver o que está  
Acontecendo.  
Na Faculdade de Psicologia  
Só Dignas-  
Logo: Quando não estamos  
na Psiquiatria, estamos na  
Psicologia.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> Foucault, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France. 1970-1982.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

<sup>113</sup> Pereira, Claudina. Julho de 2000.

Ao me levantar e me despedir de Claudina, ela afirmou:

*Com todos os aumentos e reformas, a senhora ainda não está morando aqui dentro! A senhora sabe, eu aqui só tenho conhecimento da vida, a senhora tem da faculdade de psicologia. O meu é na prática, é na vida, mas não vale nada.*

Pega de surpresa, esta surpreendente divisão entre os saberes expõe aquilo que Foucault denomina de saberes sujeitados. Entende o saber sujeitado por duas vias. A primeira designa o reaparecimento de afrontamentos, lutas cujos conteúdos históricos foram clivados por meio da coerência funcional das organizações institucionais. “Saberes sujeitados são estes blocos de saberes históricos, que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pode fazer reaparecer pelos meios, evidentemente, da erudição (...)”<sup>114</sup>

Por outra via, podemos entender os saberes sujeitados como aqueles saberes desqualificados por serem considerados insuficientemente elaborados como os saberes dos loucos, situados abaixo dos da academia e das exigências formais da sintaxe da palavra e dos conceitos. Dentro deste domínio emerge uma linguagem:

“Da infinita diversidade das palavras, da infinita diversidade dos comportamentos, dos factos, dos escritos e dos acontecimentos, a história faz uma ordem. Então as palavras desaparecem para que ao mesmo tempo se afaste a desordem das particularidades, se desvaneça o murmúrio ensurdecedor e caótico de tudo o que pode ser dito.”<sup>115</sup>

Sem necessariamente minorar a língua, Claudina reinterpreta a problematização foucaultiana sobre a invenção da loucura, fazendo reaparecer os conteúdos históricos esquecidos pela ascendência do médico sobre a loucura. Interroga e faz aparecer estes saberes desqualificados, faz surgir um “saber das gentes” que nada tem de saber comum, de bom senso, mas um saber singular, descontínuo, desqualificado, local e incapaz de unanimidade.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> Foucault, Michel. Cours du 7 janvier “**Il faut défendre la société**”. Paris: Gallimard, 1976. p.8.

<sup>115</sup> Farge, A. apud Vilela, Eugenia. Resistência e acontecimento. In: Kohan, Walter;Gondra, José(org.) **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

<sup>116</sup> Foucault, Michel. **Il faut défendre la société**. Paris: Gallimard, “Cours du 7 janvier. 1976. p.8.

### ***4.3. A proveniência do Hospital São Pedro***

Expurgar  
Excluir  
Expulsar  
Transição.  
Que são  
Gentes que  
Estão com  
os parafusos  
frouxos?<sup>117</sup>

A partir de determinado momento no ocidente europeu, agenciamentos políticos, jurídicos, econômicos e biológicos alterarão a circulação livre daquelas pessoas que, por não darem continuidade ao fluxo do capital, tornam-se inconvenientes. E quando falamos em fluxo de capital, não nos referimos apenas a materialidade do dinheiro, mas a todas as engrenagens materiais postas em marcha dentro deste fluxo.<sup>118</sup>

O asilo surgido na idade clássica não remete diretamente ao conceito de desrazão/doença mental, mas ao modo de ver a loucura que se estabelecia naquela época. Em decorrência das novas necessidades de organização social pelo capitalismo nascente, loucos, velhos e doentes, sujeitos incapazes para o trabalho, passaram a ser confinados sob o olhar da assistência e da limpeza social. A palavra asilo remete à formação de um meio geográfico de contenção que não expressa necessariamente a desrazão. Aliás, este conceito estava sendo forjado pela razão médica na mesma época, mas ainda distante dali. O asilo remete ao estranhamento que se dá aos desocupados e incapazes para o trabalho que devido a estes novos fluxos passaram a ser vistos como desviantes. Asilo e loucura serão aproximados em fins do século XVIII e início do século XIX, quando a psiquiatria faz o “monólogo da razão sobre a loucura”.<sup>119</sup> Quando o saber

---

<sup>117</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Fevereiro de 2004.

<sup>118</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta. 1989.

<sup>119</sup> Foucault, Michel. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.p. 153. (Coleção Ditos e Escritos)

psiquiátrico incorpora a separação moral que já estava em curso quando os desviantes foram asilados e silenciados desde o século anterior.

A palavra da loucura nem sempre foi percebida como objeto de exclusão social. Segundo Foucault, a palavra louca considerada ilusão ou erro, da Idade Média ao final do Renascimento na Europa, recebia uma atenção peculiar. O autor exemplifica esta questão pela presença dos bufões cujas bizarrices, sem qualquer responsabilidade moral e política, serviam para divertir a pequena sociedade dos aristocratas. A eles era permitido transgredir regras formais estabelecidas expondo as verdades impossíveis de serem ditas por um súdito qualquer.<sup>120</sup> Neste período, encontramos a atenção particular ao estranho, sem estar ainda confinado a um espaço físico concreto, como vai acontecer durante a constituição da sociedade industrial. Na idade Clássica, a loucura, exceto nas situações de perigo, era tolerada socialmente.

Será a partir do século XIX que a loucura/doença mental vai passar a ser internada. Segundo o autor, a loucura deixa de ser percebida em relação ao julgamento perturbado e vai ser tratada como irregularidade na maneira de expor os desejos, no agir e na afirmação de vontades. “(...) ela se inscreve não mais no eixo verdade-erro-consciência, mas no eixo paixão-vontade-liberdade(...)”.<sup>121</sup> O processo de cura passa a se referir ao retorno das condutas regulares da vida cotidiana e a função da internação será a de dissipar qualquer mascaramento devido as interferências sociais, mas encontrar neste espaço o “dar-se em si” de suas ações e paixões exacerbadas, buscando orientar-se com os preceitos médicos. Disto resultam dois efeitos, destaca o autor; de um lado a vontade do doente que não se exprime em delírios, mas ao se opor à “vontade reta do médico” produz uma resistência que vai se constituir no seu próprio mal; de outro lado, a luta que se expressa se bem conduzida, vai levar à submissão, à renúncia da vontade perturbada. Processo de luta e de dominação. “É preciso aplicar

---

<sup>120</sup> Idem

<sup>121</sup> O poder psiquiátrico. In: Foucault, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France**. 1970-1982. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.p. 48.

<sup>121</sup> Idem. p. 49

<sup>121</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Julho de 2000.

um método perturbador, quebrar o espasmo pelo espasmo (...) é preciso subjugar o caráter integral de alguns doentes, vencer suas pretensões, domar seus surtos, quebrar seu orgulho, enquanto que os outros, é preciso excitá-los, encorajá-los.”<sup>122</sup>

Entrevistas-Questio-  
nários-Interrogató-  
rios-perguntas-  
informações, exatas.  
*Satisfações- A quem?*  
Responsáveis-cópias  
e fotocópias na terra  
que são Muitas.<sup>123</sup>

O que está implicado nas relações de poder e saber “era o direito absoluto da não-loucura sobre a loucura. Direito transcrito em termos de competência, exercendo-se sobre uma ignorância, de bom senso, de acesso à realidade, corrigindo os erros (ilusões, alucinações, fantasmas) da normalidade, impondo-se à desordem e ao desvio.<sup>124</sup> O sujeito, atingido pela doença, era subordinado ao triplo poder: destituição do seu saber e qualquer direito sobre si, qualificação pelo saber médico como “louco”, doente mental e direito adquirido do médico para a correção dos erros. Relações de poder que dão lugar ao conhecimento que funda os direitos deste poder, que caracteriza a psiquiatria clássica.<sup>125</sup>

É aí que encontramos o espaço aberto da expressão singular de Claudina, que põe em dúvida tais informações exatas. *Satisfazer a quem*, num emaranhado de psiquiatrização geral e disseminado que investe nossos comportamentos e pensamentos em regularidades, em cópias.

---

<sup>122</sup> Foucault, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France**. 1970-1982. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.p. 49.

<sup>123</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Julho de 2000.

<sup>124</sup> Foucault, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France**. 1970-1982. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.p. 56.

<sup>125</sup> Idem



A loucura é uma invenção sustentada e ampliada após a Revolução francesa por um conjunto de saberes *psi* que se sobrepõe a palavra silenciada. Recortes precisos sobre a expressão do corpo, sensações, emoções, afetos que serão dimensionados segundo diagnósticos cuja função será a de conter e conduzir, tratar e produzir cada vez mais loucura. Com o objetivo humanitário do tratamento, o mundo das práticas *psi* vai transformar-se numa fábrica de objetos da loucura.

#### ***4.4. Proveniência Claudina***

Após 20 anos de intermitentes hospitalizações, Claudina ficou internada definitivamente mesmo não tendo indicação. A família dizia não ter mais condições de manter os cuidados conforme descrevem os prontuários médicos. Em março de 1983, consultou no ambulatório onde foi medicada e apesar de recusada sua baixa por não apresentar surto, lá permaneceu em virtude de se tratar “de um caso de rejeição familiar”. Segundo histórico médico: “paciente lúcida, orientada, agregada, sem idéias delirantes, afeto irritado, tremor de extremidades (provavelmente ao Anatensol Depot), cuidados com higiene pessoal, inteligência, linguagem e sensopercepção sem alterações.” “A paciente retorna emagrecida e em mau estado de higiene. Refere que esteve procurando emprego, nada conseguindo.” As blasfêmias e o comportamento vexatório (tirar a roupa na rua, seduzir outros homens, conforme revelava o marido aos médicos) encerraram definitivamente Claudina no mais exíguo espaço da loucura, o manicômio.

Em resumo, durante a trajetória e devir-Claudina em que o comportamento desviante, o desemprego, a pobreza e o desamparo familiar determinam seu internamento, na instituição hospitalar, onde se dá a cronificação da loucura/doença mental, situamos três períodos de reformas: 1)a psiquiatria tradicional para adoção de práticas psicodinâmicas; 2) a ampliação das terapêuticas com novas medicações e renovação do corpo terapêutico e 3)a reforma psiquiátrica.

*Desde pequena me apaixonei pelas letras. E o que eu tenho hoje é só esta cama. Que eu saiba, o que me contaram...E que me descontam de tudo o que é lado. Quem é que paga e depois tira? (...)*

Quando perguntei a ela se poderia emprestar-me seus escritos, interroga:

*Posso ou quero? A senhora é quem deve saber já que é proprietária!*<sup>126</sup>

Claudina entende que as dicotomias, os fluxos do poder psiquiátrico estão infiltrados na realidade da loucura e validados pelo isolamento asilar.

Eu sabia do São Pedro quando criança, que era lugar para loucos. Como eu não tinha para onde ir, vim para cá. Não tenho casa e nem para onde ir. Vim a pé mas entrei aqui com meus próprios tamanquinhos(...)o problema do São Pedro é o pé no chão. Todos andam no chão. Não têm sapatos.<sup>127</sup>

Claudina expressa o agenciamento do capital em que está incluída, por onde os fluxos de forças frágeis a conduzem inevitavelmente ao São Pedro. Poucas saídas restam para *os não-proprietários*. Vidas que estão sob permanente ameaça. E ela sabe que a inclusão no processo do enlouquecimento asilar é uma saída plausível, apesar dos medos: *meus pais ensinaram-me a ter pavores do Hospital S. Pedro. Minha vida nessa cidade, Meus medos.*<sup>128</sup> Testemunha da fragilidade dos fluxos aos quais se combina: pais deficientes, saber que o São Pedro era o lugar de loucos, sem propriedades, marido dissipador, jogador no jôquei-clube e que jogava o dinheiro da família fora:

Meu Marido Turfman,  
doente do Prado.  
Todos os que já saí-  
ram fora  
de combate!

E de um agenciamento familiar doloroso:

*Trabalhos*  
*Vocação*  
*Realizações*  
Responsabilidade  
E Irresponsabilidade  
Dos meus pais

---

<sup>126</sup> Notas da pesquisadora. Novembro/2006.

<sup>127</sup> Notas da pesquisadora. Março de 2006.

<sup>128</sup> Pereira, Claudina. Notas Pessoais. Novembro, 1990.

Que não  
Foram  
Bastante  
Adultos<sup>129</sup>

O que resta, senão o asilamento assistencial? Diante destes fluxos econômicos, sociais, familiares, sexuais, o que fazer? Tornar-se moradora. Escolher um único destino para tal fragilização. Encontrar uma cama e uma linha de integração ao asilo, frente a esta vida social que não suporta seu desregramento. Agenciamento de fluxos em que a miséria e violência se proliferam de geração em geração, acontecimentos que se efetuem: morrer, enlouquecer, silenciar...

Minha caminha na Dv. Bleuler  
Minha pobreza<sup>130</sup>

Vir com seus próprios pés. Claudina diz que é a única usuária que veio por conta própria para o hospital. Escolha que busca afirmar, dizendo que não é *paciente*, pois teve que ir para o hospital *por não ter onde morar*.

Moro no Hospital S.  
Pedro, porque não  
tenho nem um lugar  
pra morar fora.  
Não tenho nem uma  
casa própria.<sup>131</sup>

Para Foucault(2003) o poder exercido pela psiquiatria no século XIX, se expressa numa maneira de agir, de administrar. Trata-se de um regime de funcionamento, isto é, “um suplemento de poder constringente dado à realidade” antes de se constituir numa cura ou intervenção terapêutica.<sup>132</sup> Melhor dizendo, o que se espera deste regime são “efeitos terapêuticos” como o de isolar, regular, organizar o tempo, obrigar para o

---

<sup>129</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Setembro, 1990.

<sup>130</sup> Pereira, Claudina. **Alma no espelho**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. p. 53.

<sup>131</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Fevereiro, 2000.

<sup>132</sup> Michel Foucault. **Le pouvoir psychiatrique. Cours au Colege de France**. 1973-1974. Paris: Gallimard/Seuil, 2003.

trabalho. É um regime que apresenta concomitantemente uma luta incessante “contra alguma coisa que é a loucura concebida essencialmente como vontade em insurreição, vontade ilimitada.”<sup>133</sup> Para isto, a psiquiatria dá quatro direções com a função de impingir a realidade que ela mesma constrói.

A primeira busca mostrar esta realidade como inevitável, atribuindo-se ao poder de atingir todos os indivíduos, principalmente aqueles que dela se desviam, que são os loucos. Com um “suplemento de poder” dado à realidade, a psiquiatria reproduz no interior dos asilos o funcionamento das pequenas cidades. Ao reduplicar a realidade, faz do asilo a imitação de uma cidade onde o poder exercido é absoluto. A psiquiatria valida esta criação de realidade subjugando o louco à sua vontade. Enquanto centro de vontade, constrói o louco reportando-o a essa realidade.<sup>134</sup>

“Paciente não está bem: com dificuldade de fazer suas atividades habituais, sai todo dia para o pátio, está agressiva com as pacientes e com os técnicos e não responde ao manejo verbal. Não tem juízo crítico em relação a sua situação (...)Conduta: Retirar do pátio e a missa, ficar sem horário de cuidar o portão até ficar melhor, manter o grupo.”

Claudina diz em determinados momentos que o hospital é um hotel só que precisa medicar. Mas ao mesmo tempo questiona esta escolha, sabe que esta relação de poder é desigual:

Talvez tenha sido  
melhor, Eu ter vindo  
morar, nesse Hospital?<sup>135</sup>

A segunda direção apontada por Foucault para o “suplemento de poder dado à realidade” relaciona-se à anamnese. O passado relatado que se avizinha como confissão, como uma imposição. Um passado que a condena:

Vivo para dar esmolas para o  
mundo inteiro  
Meu pai é surdo, minha mãe  
aleijada das mãos  
Sou portanto filha de deficientes

---

<sup>133</sup> Idem. p.171

<sup>134</sup> Idem

<sup>135</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. 1995.

Claudina P. : exatamente alfabetizada mas carente de pais  
Pois meus pais me tiraram o direito de ser feliz desde a minha Infância  
Minha sensibilidade vem sendo ferida desde a minha infância.  
Minha sensibilidade e os maus tratos da minha família  
E isso é uma coisa tão normal, não?<sup>136</sup>

A história da vida a constrange, justifica e mesmo normaliza a sobrecondição: infância ferida e perpetuação da doença. A realidade cruel torna permanente e presente a ferida e a dor. Claudina coloca questões provocadoras à anamnese e à relação de poder do diagnóstico:

O que devo saber todos e todas:  
Como se deu minha primeira baixa nesse hospital?  
Quem fez a primeira baixa e quantas pessoas estão envolvidas nisso?  
O que exigem no serviço de admissão para que alguém passe a ser paciente?  
Apenas entrevistas?  
Quem não estaria louco ou louca?<sup>137</sup>

Uma terceira direção de constrição da realidade mostra a realidade da loucura, afirmar que o louco está efetivamente doente. Incapaz de dominar suas vontades, de alcançar a condição de “proprietário”, cabe constrangê-lo, situá-lo dentro desta realidade de incapacidade. De modo a abandonar qualquer negação desta realidade. E, a partir disto, mostrar que o centro da sua loucura, não está na doença, mas no defeito, no erro, na falta de atenção.<sup>138</sup> A doença tem um fundo moral que o doente deve ser subjugado. A “vontade em insurreição” deve ser reprimida, para constituir a realidade

---

<sup>136</sup> Pereira, Claudina. **Alma no espelho**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1994. p. 47.

<sup>137</sup> Idem..p.26

<sup>138</sup> Michel Foucault. **Le pouvoir psychiatrique. Cours au Colege de France. 1973-1974**. Paris: Gallimard/Seuil, 2003.

da loucura homogeneizante e moralizante. O louco é aquele que, ao se constituir como louco tem a sua realidade singular anulada.

Que é Complexo de Inferioridade?  
O Complexo de Inferioridade é encarado como Doença Mental?  
As diferenças de Níveis Sociais podem causar em alguém complexo de Inferioridade?  
As humilhações e o ciúmes.<sup>139</sup>

Por último, destacamos as técnicas concernentes ao trabalho a sustentar sua própria loucura. Mesmo que na atualidade a maioria dos usuários do hospital asilados recebam benefícios sociais que ajudam a pagar algumas de suas necessidades, a loucura asilar permanece a financiar os grandes laboratórios farmacêuticos, ainda está no fluxo econômico capitalista das grandes corporações. A questão do trabalho, em regime de isolamento, mostra sua coerência com o fluxo capitalista. De um lado um consumidor tutelado e de outro, de produzir sem a liberdade de consumir.

Contracheques  
Eliamara  
Departamento Pessoal

Já fiz e vivo fazendo serviços Gerais aqui nesse hospital.

—  
Como conseguir Diplomas e atestados pois sempre vivi trabalhando sem diplomas e atestados.

—  
Nunca consegui contracheques para receber dinheiro em nem um local e nem um outro documento.

—  
Nota: Sei bem quando meus esforços valem

---

<sup>139</sup> Pereira, Claudina. Setembro, 1995.

Dinheiro.<sup>140</sup>

Despossuída, Claudina percebe que os códigos territoriais não são para todos:

Onde cada um  
ganha pel

Que é Produção?  
Que é produzir?<sup>141</sup>o que  
produz.

Experimenta e problematiza a realidade da loucura dentro do HPSP mesmo quando, pela escrita, expressa sua submissão. Claudina se inscreve nesta realidade de dependência, de subordinação ao poder médico e ao contorno da doença a que está diagnosticada. Ou seja, faz parte do maquinismo do agenciamento loucura. Ao escrever afirma, por vezes, sua “vontade em insurreição”, desterritorializando a realidade asilar fazendo rachaduras em verdades inquestionáveis:

Quem Escreve Descreve?  
Sempre vivi fazendo Questionários  
e até Interrogatórios?!  
Eu sou a Qualidade e Quantidade.  
Eu sou de Categoria já diziam desde  
Antigamente!<sup>142</sup>

Com quais forças transpor esta realidade?

O agenciamento familiar de Claudina passa pelo agenciamento mundo. Violência familiar com indícios de ter sido estuprada na infância, marido que jogava a dinheiro, diagnosticada como portadora de “psicose paranóide”, filha de deficientes, cresceu com um pai surdo e hipervigilante com as palavras ditas e que não ouvidas. Desconfiado, presumia que falavam mal dele e por isto Claudina era espancada na cabeça. “Falar e receber tapas na cabeça”: acontecimentos que exprimem um mundo de miséria, deficiência e violência do qual ela experimentava.

---

<sup>140</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais, 1995.

<sup>141</sup> Idem

<sup>142</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais, 1999.

Jogos que já foram abertos sobre  
minha vida:  
Menina de cinco anos deve tomar  
passes de homens idosos?  
Tudo o que já foi esclarecido  
Todos os jogos diante das minhas  
explicações ficaram bem  
claros<sup>143</sup>

A escrita de Claudina traz ao público o embate das forças divergentes, a impessoalidade da expressão, do que ouve e passa adiante, sem respostas. Apenas interrogações. Extrai do “acontecimento o que não se deixa esgotar pela efetuação.”<sup>144</sup> Sai do visível da clausura, da conformidade da realidade codificada conjugando-se com outros agenciamentos, colocando novos devires em jogo.

Do verbo: perseguir:  
Estou sem prédio.  
e estou morando em prédio do  
governo.  
Perseguida por loucos!Stress!Vim  
parar no hospício.  
Não vou a festa e a passeios.  
prefiro, o teto e as paredes.

Não vou a Fes-  
tas e a Passeios.  
Prefiro, o teto e  
as paredes.  
Minha vida é  
sem parapeiros  
dados a persegui-  
ção de Loucos  
vivo sempre em  
stress!<sup>145</sup>

#### ***4.5. Agenciamento maquínico e coletivo de enunciação: conteúdo e expressão***

O interesse de autores como Foucault, Deleuze e Guattari foi de pensar uma realidade viva, em permanente transformação, desmanchando as dicotomias para

---

<sup>143</sup> Pereira, Claudina. Alma no Espelho. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1994.p.31.

<sup>144</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998 .p. 89.

<sup>145</sup> Pereira, Claudina. Março de 2006.



mostrar aquilo que se vê, se sente, se percebe e se diz são apenas facetas, recortes, clarões permitidos num determinado jogos de forças históricas.

Num agenciamento não há sujeitos, mas estados maquínicos expressivos em devir. Conteúdo (corpos) e expressão (acontecimentos) em revezamento: reenviam-se um ao outro, faces complementares, mas não correspondentes.

O conteúdo são os corpos, os estados de coisas. A expressão, o que se diz deste estado de coisas. Mas tanto o conteúdo quanto a expressão têm forma e substância que se alteram. A loucura como substância de expressão não é a mesma, se modifica segundo os fluxos que se conjugam, se repartem no agenciamento. As práticas, o uso de ferramentas tecnológicas como medicação, eletrochoques, terapias menos invasivas só existem quando forças sociais históricas presentes impulsionam sua utilização, alterando todo o conjunto.

O que distingue o conteúdo e a expressão são as formas e as substâncias formadas. São combinações que podem se relacionar, sem se equivaler.

Onde São Precisos  
Dar Provas de  
Sensatez até o  
Fim for me.  
Onde os Padres e  
Freiras Baixam.  
Perto de mim, Limpar  
o que já está limpo,  
Sabem o que é Isso?  
O Lugar de Loucos é  
no Hospício.<sup>146</sup>

Se lugar de loucos é no hospício, por que então precisar dar provas de sensatez? Limpar o que já está limpo? É que a loucura só existe em sua contínua criação de realidade de exacerbação de vontades e anulação de sua manifestação. *Dar provas de sensatez* constitui-se um acontecimento neste estado de coisas. Diante de uma realidade criada da loucura, Claudina sabe da necessidade e da impossibilidade de dar provas de sensatez. Sabe que tudo já está comprovado e limpo de qualquer outro questionamento. Ainda assim, é instigada pela *condição de nulidade* em que vive, lugar

---

<sup>146</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Maio de 2000.

de limpeza, anulamento das cabeças vazias e desmemoriadas, interroga a forma de conteúdo e a substancia formada: o lugar destinado ao louco e a necessidade do louco precisar provar que não é louco. Todas as matérias que compõem o agenciamento, misturas de todas as coisas envolvidas são expressivas. Existe um estado de coisas, formalizações do agenciamento hospitalar e Claudina expressa o acontecimento “precisar provas de sensatez”. Precisa saber por que precisam disto mesmo quando a realidade está criada, quando o louco já está no hospício. É que a loucura somente se constitui como um funcionamento, um regime de intervenção que se diz terapêutico: isolamento, administração do tempo, obrigações. E este regime precisa ser afirmado constantemente. A loucura precisa ser negada para ser afirmada em sua realidade de loucura. E isto Claudina questiona, para que dar provas de sensatez quando tudo já está determinado, quando o lugar de loucos é no hospício. Quando o que constitui o conteúdo, o que se forma a matéria do asilo são todas as coisas formadas e produz como substância de conteúdo o louco, o desmemoriado, o crônico. Claudina expressa através de interrogatórios esta busca de lucidez inatingível.

O que somos capazes de ver e dizer hoje da loucura? Não será na correspondência entre o que se vê e o que se diz que o problema do saber será resolvido, diz Deleuze.<sup>147</sup>

Foucault vai mostrar, no enquadramento dos poderes, as invenções dos saberes que mutilam a vida. Poderes que são microfísicos, imateriais e que necessitam o investimento nos corpos para se manifestar. Corpos são políticos, animados por forças afetivas, sempre históricas. E as sociedades modernas são sociedades disciplinares. Elas estabelecem relações de poder, com uma tecnologia que atravessa os aparelhos para “reuní-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um modo novo.”<sup>148</sup> Uma tecnologia, portanto, será sempre social. É o social que conjuga, faz amálgamas de engrenagens para fazê-la funcionar. A utilização das *lettres de cachet*, no século XVIII, solicitando a prisão de uma pessoa sem julgamento, sem necessitar do

---

<sup>147</sup> Deleuze, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1992.

<sup>148</sup> Deleuze, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 35.

consentimento do rei, explicita esta relação de um *continuum* de poderes e saberes que serão atualizados pela psiquiatria.<sup>149</sup>

Tal subordinação aos saberes psiquiátricos pode ser vista na carta redigida por um familiar aos médicos:

Mostrou-se calma, lúcida, associando bem as idéias, demonstrando aparentemente não ter nenhuma afetação ou perturbação desejando transparecer que nada de anormal existia.

Porteriormente, demonstrou um “estado”(?) com relação a fatos passados, que entretanto quando expostos, surgiram-lhe na mente com facilidade, mas com pensamento “buscado” (?)

Ao chegar em casa, estado emocional profundo ao ver o filhinho.

Resolvi, 2 horas após, quando já havia reagido a emoção, afasta-lo. Dormia bem, deitando cedo, alimentando-se ao deitar(frutas e lanche). Acordou cedo, fez o café matinal. Teve as 8 horas mais ou menos, um início de angústia, dizendo-se sentir-se mal. Fala levemente que o médico deve lhe ver. Pequenos choros. Angústia leve, sem perturbação da afetividade. Associando bem as idéias, e com senso de auto-determinação perfeito. Como precaução resolvi trazê-la incontinente ao hospital. Não quis café, dei-lhe frutas pela manhã. Veio normalmente. Não ministrei qualquer calmante ou remédio. Resultado geral:

Clínico: sem alteração

Funcionamento psíquico: relativamente bom<sup>150</sup>

Nas sociedades disciplinares, o poder não se exerce necessariamente reprimindo, enganando. São expressões de efeito de relações de forças que se exercem entre corpos. Ação sobre ação, atos cujos efeitos são: suscitar, combinar, organizar, deslocar... As relações de poder selecionam, organizam e classificam antes de reprimir. Precisou que determinados comportamentos passassem a ser colocados em destaque, emergência de visibilidades que passaram a ser convertidas em transgressão, indigência e, na modernidade, em sintoma.

Direção do Hospital  
S. Pedro-Muitos  
Homens na Direção,  
Desde Antigamente.  
Quando Eu também fazia os  
Serviços de  
Psicologia e até  
Serviços Gerais de  
Psiquiatria.

---

<sup>149</sup> Foucault, Michel. Os anormais. In: \_\_\_\_ **Resumo dos Cursos do Collège de France. 1970-1982.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 46.

<sup>150</sup> Nota relativa à visita a sua casa sob responsabilidade de um familiar. 14/04/1963

Quando Eu era  
Guarda na Guarita.  
Quando Eu era Ins-  
trutora na Reabilitação.

Máquina-Claudina que se estende por todo o agenciamento hospitalar. Dirigir, trabalhar, ser a instrutora de reabilitação. Claudina expõe as relações de forças constitutivas do poder hospitalar. Apropria-se dos enunciados médicos e de toda a extensão do corpo psiquiátrico, pelo qual se fortalece pelas realidades instituídas dos regimes de verdade. Manifesta as constantes do agenciamento hospitalar: administrado por homens e por todo um conjunto de homogeneidades. Trabalha no hospital não em troca de remuneração, como se dá nas relações do capitalismo, mas em trocas de “vassalagens”, cumplicidade e modelagem ao exemplo sensato da loucura colaborativa. Conforme consta em depoimento na apresentação do seu livro, ela foi chamada a assistir eletrochoques de outros internos.<sup>151</sup>

Mas como surgiria o novo, as bifurcações, as transformações do estado de coisas?

Relações de poder do diagrama disciplinar normalizam o que for considerado anormal, que passa a receber atenção especial, a “direção certa”, humanitária e respeitosa desde que permaneça direcionada em sua expressão. O corte dos fluxos habituais enquanto castigo e garantia de tomar consciência do ato insano, fabrica um doente mental, fragilizado, despotencializado, dificilmente capaz de retomar a vida no seu fluxo pleno. A vigilância contínua desfaz a responsabilidade sobre si. A internação estende-se por toda uma vida. Exemplo disto se dá em conversas em tom mais alto quando se está sob as relações de poder do hospital, o pode ser considerado sintoma de euforia ou agressão. O período em que Claudina estava bastante incomodada por não ser concursada, e assim não estar conjugada aos fluxos decisórios do hospital para ajudá-la efetivamente na *situação crítica* em que se encontrava, por vezes, levava-a a falar em tom mais alto. Isto fazia com que uma técnica de enfermagem sáísse do seu setor para reclamar. Sentia que a reclamação estendia-se também a mim por não estar

---

<sup>151</sup> Pereira, Claudina. **Alma no Espelho**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1994.

“contendo e manejando adequadamente o paciente”, permitindo que ela falasse comigo daquele modo.

Por outro lado, o indivíduo ao assumir a condição de incapaz, assujeita-se ao hospital garantindo para si um determinado lugar social como doente mental. As relações de forças, segundo diferenciação, formam matérias visíveis e formalizam funções enunciáveis. Entre o visível e o enunciável, apenas relações divergentes e em constante atualização.

É a partir de lutas de cada época que os diagramas sucedem, reencadeando-se sobre as discontinuidades. Escrever é expressar esta luta, cartografar esta luta. Misturas de relações de forças, relativamente desconexas, pontos de criação relativamente livres, sem começo e nem fim. Escrever promove o ato de pensar a própria experiência, falar em nome próprio que não é falar da primeira pessoa do singular, mas das potências impessoais, físicas e mentais que enfrentamos e combatemos quando buscamos alguma coisa.

O que Claudina diz não está suprimido da história que ela faz parte, do que a faz ver e falar. A história do São Pedro não é apenas este momento preciso de um novo período de reformas que se anunciava. Enquanto máquina abstrata, expressa todo o passado em constante transformação e atualização. Quando Claudina lê a informação “Excluir não é cuidar” afirma palavras de ordem. Ordens de uma nova política que podem também anunciar outros modos de controle que prescindem o asilamento. São as forças sensíveis que ela necessita dizer, interrogar, rasgar a história. Afinal, interroga:

O que sur-  
giu já e  
a muito tem-  
po= Idéia  
de transfor-  
mação

Reformas=  
Antes, de-  
Pois.  
Reforma ou  
Construção  
De Prédio?

Outros mais?  
Outros mais?<sup>152</sup>

Escrever porque precisa dizer o que ouve sob estas palavras, o que se atualiza na possibilidade de sair de um hospital quando os regimes de saber e produção de realidades de exclusão permanecem. Não se trata de um apego à institucionalização. Ao contrário, Claudina nos leva a pensar no “diagramatismo” de Deleuze, que consiste em levar a língua onde a variação não depende de estruturas, mas a conjugação de fluxos mutantes, de combinações de partículas, atingindo assim a máquina abstrata.<sup>153</sup> Não faz uma denúncia, uma contra-informação com outra palavra de ordem. Minorar a língua, criar e resistir então juntas quando nada tem haver com informação, contra-informação, mas com a extração de novos movimentos da vida.

Quando uma palavra ganha outro sentido, ela nos remete a conjugação dos fluxos, no conteúdo e na expressão, descoberta das linhas de fuga do agenciamento. Faz aparecer linhas paralisadas, sobrecodificadas, plano de variação que não se fixa numa estrutura, mas a variação de velocidades e combinações de partículas. Excluir, cuidar, mandar embora se conjugam a tantos outros fluxos da máquina abstrata loucura. O acontecimento “agüentar a rua”, expressão do medo da violência da rua, dos homens de carro, por ser filha “cadela”, ao risco do abandono, burlar a força das palavras legitimadas que dão a direção certa, a vontade moral sobre uma vontade insana.

Como agüentar  
a Rua?  
O mais difícil pra mim, agüen-  
tar a Rua.

---

<sup>152</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais.s/d.

<sup>153</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.p. 135.

## 5. Considerações finais: por uma minoração da

### *língua*

Proibir-se?  
Assumir-se?  
Que é isso?  
Isso, existe?  
comigo: Os evitados – Os que  
passaram a ser evitados  
Ignorados – Todos<sup>154</sup>

Expurgar,  
Excluir,  
Que é colaborar  
E participar?  
Que é suspender?<sup>155</sup>

Através de Claudina se expressa uma máquina desejante da qual faz parte. O que é expressivo é sempre um agenciamento de enunciação. Tomamos de Deleuze e Guattari o conceito de literatura menor, em que analisaram a obra de Kafka. Este escritor judeu tcheco, escrevia em alemão burocrático, próprio à cultura e do comércio europeu do início do século. Kafka fez na língua alemã algo que nunca se tinha ouvido falar, estendendo-a em variações contínuas, fazendo-a piar e gaguejar sem, no entanto, diminuir seu rigor. Sobrecarregou as variáveis da língua para fazê-la vibrar como “testemunha da presença não-localizada de um discurso indireto no interior de qualquer enunciado.”<sup>156</sup> Uma língua menor é a potência de subversão dentro de uma língua maior. “O que uma minoria faz em uma língua maior”.<sup>157</sup>

---

<sup>154</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais, agosto de 2000.

<sup>155</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais, 2004.

<sup>156</sup> Deleuze, Gilles; Guattari, **Felix. Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo; Ed. 34. Mil Platôs. p.50. v..2

<sup>157</sup> Deleuze Gilles; Guattari, **Felix. Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Uma língua está sujeita a um código existente no emaranhado expressivo e coletivo de um agenciamento. Línguas lutam para se homogeneizar e dominar. Para Deleuze e Guattari(2005), os enunciados lingüísticos servem para impor e transmitir palavras de ordem, ou seja, não se ocupam de informações, mas consistem em emitir, receber e transmitir ordens.<sup>158</sup> Por constantes lingüísticas Deleuze entende a extração das variáveis de uma língua transformando-as em constantes lingüísticas como tomada de poder. Uma língua estabelece um padrão sintático dominante, pois “é um marcador de poder antes de ser um marcador sintático”. A gramaticalidade é condição prévia de submissão às leis sociais, aos regimes de verdade, às relações de forças. Os saberes científicos são uma manifestação desta luta de forças. “A unidade de uma língua é, antes de tudo, política.”<sup>159</sup>

Mas a tomada de poder por uma língua não faz da sua existência uma língua maior nos advertem estes autores. Não há, pois, dois tipos de língua, mas dois tratamentos dados a uma língua: ora extrair das variáveis, constantes, ora extrair das variáveis, novas variáveis.<sup>160</sup> Não há como separar menor e maior enquanto duas línguas, mas como dois tratamentos, dois usos ou funções dentro de uma mesma língua. Matéria intensa da vida, liberta das constantes do conteúdo e da expressão, incorporada nos escritos pelo corpo de quem escreve.

Pudemos apreender na escrita de Claudina os três modos de expressão minoritária, de trabalho de variação da língua dentro da língua maior, fazendo aparecer confrontos de línguas dentro de uma mesma língua, destacados por Deleuze e Guattari (1977). Em primeiro lugar, o grau de desterritorialização de uma língua. Claudina faz aparecer variações lingüísticas no monólogo *psi* sobre a loucura em alguns de seus escritos. A recusa de pontos de referência potencializa efeitos de modificação, intensificando o uso menor da língua, proliferando efeitos cambiantes. A segunda é que

---

<sup>158</sup> Deleuze, Gilles ;Guattari, **Felix. Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo; Ed. 34, 2005.

p.12 .v.2

<sup>159</sup> Idem. p. 46

<sup>160</sup> Idem. p.49



na língua menor cada ato individual está ligado à política. O tratamento menor da língua é o devir, recusa das constantes, onde uma outra história se agita, se ramifica, estabelece elos, modifica agenciamentos. E a terceira característica é de que, na literatura menor, “tudo adquire um valor coletivo”.<sup>161</sup> Não há enunciação individualizada. O que se escreve é expressão dos agenciamentos coletivos. O que é expresso faz parte de muitos. Uma obra não fala por si, mas mostra questionamentos de muitos pertencentes à comunidade minoritária que o escritor faz falar. Diferente de um porta-voz que representa e fala por si e por um conjunto de pessoas, o valor coletivo do agenciamento é que outros falam através do escritor. Presença viva não localizada das minorias que fazem parte do agenciamento. Potencial de criação e variação que recusam as constantes.

Mas “A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida;(…) Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte- um Veredicto, dizia Kafka”.<sup>162</sup> E uma palavra de ordem exerce apenas uma função coextensiva à linguagem. A linguagem é sempre de um dito reportado a outro. Não consiste na comunicação de uma experiência, mas na transmissão do que o ouviu. A linguagem já está no agenciamento por isto é discurso indireto. “Existem muitas paixões em uma paixão, e todos os tipos de voz em uma voz, todo um rumor, glossolalia: isso porque todo o discurso é indireto.” O ponto de partida da linguagem é “um ouvi dizer”, é sempre de um dito a outro dito, de modo que é sempre transmissão funcionando como palavra de ordem.<sup>163</sup> Produzir uma língua menor é mostrar devires não conservadores.

Não vivemos, amamos, estudamos, falamos apenas segundo um modo padrão; produzimos cotidianamente pequenos deslocamentos, pondo-os em variação, muitas vezes imperceptíveis. Somos polifonias de vozes, efeito de discurso indireto com os

---

<sup>161</sup> Deleuze Gilles; Guattari, **Felix. Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.p. 27.

<sup>162</sup> Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo; Ed. 34, 2005.

p.13. v.2.

<sup>163</sup> Idem

quais nos afetamos e produzimos expressões singulares. Por vezes, nos tornando estrangeiros dentro de nossa própria língua. Uma língua menor não existe por si, mas é construída dentro de uma língua maior. Cada um de nós pode fazer falar sua própria língua menor, sua singularidade. É esta estranha novidade expressiva que consideramos possuir os escritos de Claudina.

Devemos então distinguir o maior, que supõe um sistema dominante e constante e a minoria, que “é o devir de todo o mundo, seu devir potencial por desviar do modelo.”<sup>164</sup> De um fato maior, extraímos os devires menores. Devir é diferença, fuga, desterritorialização. Assim, a palavra do louco pode tornar-se minoritária dentro do discurso da saúde, expressão de uma minoria, um subsistema de um sistema maior, dominante. Mas, esta minoria, pode ou não ser detonadora de mudanças.

O que liga este conceito à escrita de Claudina é a sua capacidade de criação de uma língua dentro da língua portuguesa dominante. Jeito singular de expressar, recria uma língua diferente dentro do português.

Consideramos menores três modos de expressão que conseguimos apreender na escrita em questão.

**Escrita telegráfica:** os indícios de desterritorialização estão num novo modo de escrever, denso, econômico, curto. Notas rememorativas, rápidas, bilhetes que se faz para não esquecer. Escrever para não esquecer é o que sustenta sua escrita. “Pequenos anúncios” indefinidos, nomes próprios que não são das pessoas, mas de um agenciamento coletivo.<sup>165</sup> Intercessores que extraem a velocidade do acontecimento dos estados de coisas. Claudina faz rachaduras com suas notas, abre uma guerra fazendo aparecer uma disputa ainda inconclusa, uma luta entre *psis*. Luta presente desde a entrada da psicologia no H.P.S.P.

Será, será  
A psiquia-  
Tria sempre  
Foi maior que

---

<sup>164</sup> Idem. p.52

<sup>165</sup> Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

**2. Verbos no infinitivo:** Ênfase no acontecimento. Utiliza o verbo no infinitivo sem sujeito gramatical, expressando o puro acontecimento, linhas de devir que cortam diferentes corpos, matérias sonoras, apropriações dos ditos ouvidos no hospital, família, instituição hospitalar, doença mental.

Proibir-se?  
Assumir-se?  
Que é isso?  
Isso, existe?

Comigo: Os evitados-os que  
Passaram a ser evitados  
Ignorados -Todos<sup>167</sup>

Expurgar,  
Excluir,  
Que é colaborar  
E participar?  
Que é suspender?<sup>168</sup>

“Proibir-se?” Verbo no infinitivo, telegráfico e interrogativo-afirmativo. Três modos de sobrecarregar a palavra, alcançar o máximo de potência da vida. Produz acontecimentos que racham o estado de coisas do agenciamento loucura. Faz aparecer uma genealogia, a luta entre os ignorados, dos sem posses, sem família, sem estado e sem mediação, expostos às forças da vida, do desconto, da inferioridade, da mais-valia *psi*. Jogo eminentemente político de forças entre saberes. Claudina sabe que é uma peça deste jogo entre a afirmação da vida e a contenção.

Denominados “ignorados”, muitos usuários não tinham sequer nome e qualquer existência jurídica ainda nos primeiros anos deste século, condição que levou a assistência jurídica do hospital a uma busca desta identidade.<sup>169</sup> Embora seja um

---

<sup>166</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Abril de 2003.

<sup>167</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Agosto de 2000.

<sup>168</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais, 2004.

<sup>169</sup> No período entre 1999-2002, o Projeto São Pedro Cidadão seguindo as propostas da Política Estadual do RGS e das diretrizes da Reforma Psiquiátrica em implantação no país, iniciou busca dos nomes dos

avanço no que se refere ao tratamento e respeito ao sujeito doente asilar, Claudina sabe desta impossibilidade dos ignorados deixarem de ser evitados. Funcionamento que irrompe pela escrita. Faz mostrar que mesmo com o direito soberano de ter um nome, não significa concessão de reciprocidade entre indivíduos livres e iguais, que são direitos garantidos pelo Estado. Expressa o coletivo dos confinados, dos ignorados erradicados da vida e da interrogação-afirmativa que diz da impossibilidade de retorno ao cotidiano comum.

**3. Escritas sob formas de perguntas:** Podemos constatar duas formas de interrogação. Primeiro destacamos aquelas que apropriam-se do procedimento de anamnese, desterritorializando o método de trabalho *psi* e reterritorializando-o em perguntas. Mas nada que evidencie uma minoração da língua. Aqui evidencia-se uma imitação.

O outro modo de perguntar, denominamos de *falsas perguntas*. Constituem-se de modos de fazer afirmações disruptivas nas perguntas. Acentuando afirmações através de interrogações, intensifica a provocação do estado de coisas, faz aparecer uma genealogia do hospital. Apropria-se do procedimento *psi* mas desterritorializa-o através da afirmação de luta entre os movimentos, as lutas, disputas entre forças mais ou menos conservadoras. E nesta luta, desvela o codinome dos loucos, dos ignorados. A cada pergunta, uma palavra de ordem que apontam devires, atos, ações em movimento:

Assim:  
Quando  
estou falando  
de Ordem e

---

usuários para fins de benefício social. Constatou-se em 1999, 60% dos 765 usuários não beneficiados pelo plano de interiorização, ou seja, plano que buscava vincular usuários com base na proveniência regional e nos recursos da comunidade, os “ignorados”, isto é, sem qualquer existência jurídica. Sobre este assunto ver mais em Cortez, Sérgio. **Certidão de nascimento: instrumento indispensável para o resgate à identidade e à cidadania dos usuários do HPSP.** Artigo não-publicado.

Organização.  
Sinônimos  
de Expurgar  
Excluir  
Expulsar  
Transição  
Que é uma  
Transição?

Tudo o que  
está sus-  
penso por  
tempo  
Indeterminado.<sup>170</sup>

Excluir é  
Sinônimo de  
Expulsar?<sup>171</sup>

Reforma ou  
Construção  
De prédio?  
Outros mais?  
Outros mais?<sup>172</sup>

Interrogações-afirmativas que forçam o estranhamento de Claudina diante de determinada organização do mundo, fazendo quebras, abrindo brechas deixando escapar minorias que povoam o agenciamento, lutas entre *psis*, agonismos nas inúmeras reformas, codinomes dos loucos. Apesar da aquisição de um nome terão a cidadania plena ignorada. Ocupa-se da língua portuguesa, faz sinais que abrem fluxos de guerra pela palavra, nesta realidade que é ensinada a ela e aos *psi*. Burla a medicação, interroga o funcionamento do estado de coisa do hospital psiquiátrico:

Pessoas ou Gentes:  
Naturais e Pro-  
cedentes.  
Carros:  
Importados e  
Nacionais.

Desodorantes:  
Comuns e

---

<sup>170</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. 2004.

<sup>171</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. 2004.

<sup>172</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. s/d

Perfumados.  
Eu Vi:  
Heloísa tem carro  
Como é isso?  
Pensando no meu  
caso: Ora, De-  
pende! Que pode  
ser rápido, ou...  
Fácilimo, pra  
Quem?  
Difícilimo pra quem?  
Depende o que?<sup>173</sup>

Se reconhece pela realidade do saber *psi*, como então enfrentar “lá fora”? Não precisa mais *dar provas de sensatez*, pois “já sabe, já aprendeu a lição”. E depois disto, ter que enfrentar a exclusão/inclusão num mundo que não teve lugar para ela. Excluir, expulsar. Não há dentro e nem fora num estado de miserabilidade. Há um agenciamento loucura que ultrapassa os muros do hospital. Claudina faz pequenas rachaduras com palavras que dizem os ignorados. Como sair para “fora” se a realidade destas vidas inexistente fora da palavra de ordem, do ato *psi*? Sabe que as demarcações e os códigos territoriais são extremamente duros.

Que é Acesso?  
Que é Excluir?  
Que é Excluir?

Logo: Só dou Aces-  
so a gentes  
Polidas!

Excluir: quando  
sim, quando não.

Bis- Novamente:  
Excluir, quando  
Sim, quando Não!  
Acesso: quando  
Sim, quando Não!  
Materiais de Trabalho  
o que todos sempre  
me Passaram.

O que tenho em mãos

---

<sup>173</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. s/d

Apenas uma chave  
de armário.<sup>174</sup>

Hoje, dentro do hospital, aos usuários moradores que lá permaneceram restou pouca coisa. Enquanto funcionava o poder psiquiátrico asilar tradicional, resistia a esta hegemonia hospitalar escrevendo, interrogando incessantemente. Enfraquecidos os fluxos do asilamento por outras forças mais “limpas”, Claudina não mais se reconhece na sua realidade de doente mental. Institucionalizada, caiu na armadilha. Despossuída das vassalidades e recompensas *psi* desanima, sem antes deixar os registros deste estado de coisas, *preferindo o teto e as paredes*.

Do verbo: per-  
seguir.  
Estou sem Prédio  
e estou morando  
em Prédio do Go-  
verno. Perseguida por Lou-  
cos! Stress! Vim pa-  
rar no Hospício.

Não vou a Fes-  
tas e a Passeios.  
Prefiro, o teto e  
as paredes.  
Minha vida é  
sem paradeiros  
dados a persegui-  
ção de Loucos  
vivo sempre em  
stress!<sup>175</sup>

Claudina sabe que não há lugar para os crônicos e para os loucos desvalidos. *Estou sempre pensando em fugir, mas fugir para onde? Existe a Porto Alegre sadia e Porto Alegre dos loucos...*

Ela conhece as divisões. O saber *psi* detém o poder que cria a realidade da loucura. Como enfrentar este poder, como desmanchar este agenciamento? Ao poder de escrever e não ser beneficiada, responde com seu poder de não escrever e nem

---

<sup>174</sup> Pereira, Claudina. Notas pessoais. Março de 2006.

<sup>175</sup> Pereira, Claudina. Maio de 2006. Notas pessoais.

receber mais vassalidades, presentes, antigas agendas. Mas Claudina continua expressando mesmo sem escrever mais. Qual autonomia pode se constituir numa instituição de confinamento?

Atualmente, Claudina escreve algumas poucas frases, que nos foram mostradas rapidamente com a promessa de um dia serem emprestadas. Nos nossos últimos encontros, Claudina diz sobre o fato de escrever: *devemos dar tempo ao tempo*. Não está mais trabalhando para o hospital. Claudina suspendeu sua escrita por tempo indeterminado.

O rearranjo dos fluxos na troca de unidade hospitalar ocasiona um estancamento no fluxo da escrita. Não crê no poder de mudar seu modo de vida pela escrita, mesmo que fosse através de uma contaminação do poder psiquiátrico. Agora, escreve para não se tornar uma desmemoriada. *Pode ocorrer de se perder tudo de novo*. Perder o quê? Seus pertences guardados, papéis escritos, que estavam nos armários que foram escancarados quando foi fechada a unidade Bleuler em que estava. Perder a memória, contida nos escritos. De peça operativa doente mental, torna-se peça operativa indigente no agenciamento loucura. Ao escrever sabe que muitos lucram, inclusive a instituição, os residentes, a academia, menos ela.

Claudina expõe o embate das forças dos movimentos mais inovadores e conservadores, expressando as próprias fragilidades destes movimentos dentro de uma máquina abstrata loucura que continua confinando moralmente, dividindo o mundo em dicotomias, transformando as experiências inovadoras em saberes legitimados. Continuamos surdos ao que foi silenciado, ao que foi ignorado.

Sabe do poder da palavra *psi*. Rouba o procedimento do interrogatório para potencializar suas próprias perguntas e com isto ganhar mundos. Mas também sabe a armadilha criada, pois se também precisou-se aliar aos procedimentos *psi*, sabe que são os mesmos que cronificam e criam a realidade do louco desmemoriado. Aprendeu a lição. Sabe que é louca, se apropriou e aprendeu a jogar com as forças das palavras legitimadas. Desconfiada, permanece afirmando sua luta agonista: *agora até moças de 20 anos me dão remédio*. Expressão de uma luta permanente, de forças desiguais, cuja



matéria se expressa em alguns escritos menores, forças de um rumor de uma outra história acontecendo.

E quais seriam as forças do contemporâneo que buscam restituir a palavra interdita? E como estas forças que estariam em jogo no agenciamento da loucura? Fazer falar o louco, quais seriam as forças em jogo hoje?

O sentido atribuído às reformas por Claudina foi de expulsão, desemprego das funções de um doente mental num hospital. Enfraquecimentos dos fluxos investidos no asilo. A escrita perdeu sua função de novas combinações, criações, conformidades. E o que ela sente agora não encontra mais a força das realidades criadas pelas conversas nos corredores. Claudina sabe que o hospital moradia está destinado a fechar.

Durante o período final desta dissertação, continuamos a nos encontrar em função da realização de um vídeo-documentário sobre três usuários, entre eles, Claudina. Logo de início negou-se a autorizar o uso de suas imagens porque há *muitos anos que está andando nua no hospital, vive sem calcinhas*, pedindo então que levássemos umas dez, *do tipo biquíni*. Perguntei se ela gostaria que levássemos algumas de suas escritas que estavam sendo trabalhadas por nós no computador para que acompanhasse o trabalho e também fazer suas considerações. Perguntei se já tinha tido a experiência de filmagem e ela então respondeu: *sim, minha senhora, na época do livro e que não trabalhava mais gratuitamente para ninguém. Chega de presentes, eu agora só trabalho por dinheiro*.

No dia da mostra de seus escritos, ela estava sentada no canto da sala como costuma fazer. Nos aproximamos, fomos bem recebidos, sentamos ao redor de uma mesa e ao abrirmos o computador, diante da imagem da palavra *windows* que se abria na tela da imediatamente exclamou: Janela! Em seguida nova imagem de um de seus desenhos, a figura de uma mulher e as palavras: “Excluir é sinônimo de expulsar?” Fixou o olhar sobre a tela e começou a ler os escritos encantada. Minutos depois, vira-se para nós, nos parecendo “justificar” seu silenciamento atual:

*Tudo tem que dar tempo ao tempo, já tentei me matar e não consegui. É que não era a minha hora. O meu problema, minha senhora,... é que eu tenho a força da alma.*<sup>176</sup>

---

<sup>176</sup> Notas pessoais, 07 de março de 2008.

## **6. Obras Consultadas**

Almeida, Julia. **Estudos Deleuzianos da Linguagem**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003

Deleuze, Gilles; Bene, Carmelo. **Superposiciones**. Buenos Aires: Artes Del Sur, 2003

Deleuze, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v.1

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro; Ed. 34. Mil Platôs, 1997. v.2

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. v.3

Deleuze, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

Deleuze, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed 34, 1997.

Deleuze, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Deleuze, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

Deleuze Gilles; Guattari, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977

Deleuze, Gilles. A imanência, uma vida. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.27, n.2, p.10-17Jul-Dez. 2002.

Deleuze, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

Duras, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Fagundes, Sandra. **Águas da implicação: intercessões da Educação para políticas públicas da saúde**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em

Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

Foucault, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. In: Escobar, C. (org.) Michel **Foucault: dossier**. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

Foucault, Michel. **Conversation avec Werner Schroeter**. 1954-1988. Paris: Gallimard, p. 251-260, 1994. Dits et Écrits v.IV.

Foucault, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France. 1970-1982**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Foucault, Michel. **Il faut défendre la société**. Cours du 7 janvier. Paris: Gallimard, 1976.

Foucault, Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, Poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. Coleção Ditos e Escritos.

Foucault, Michel. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Coleção Ditos e Escritos, v.1.

Fuganti, Luiz Antônio. Saúde, desejo e pensamento. In: Lancetti, Antônio(org). **Saúde e Loucura**, São Paulo, 1990, v. 2.

Gil, José. As pequenas percepções. In: Lins, D.; Feitosa, C. (org.). **Razão Nômade**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2005.

Guattari, Felix. **Linguagem, Consciência e Sociedade**.: In: Lancetti, Antônio(org). Saúde e Loucura 2, São Paulo, 1990.

Meneghini, L. C. **À sombra do Plátano**. Porto Alegre: Emma, 1974.

Orlandi, Luiz. Apresentação. In: Lins, D.; Feitosa, C. (org.). **Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

Orlandi, Luis(org.) **A Diferença**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2005.

Pacheco, Elizabeth. **Entre Clínica e Literatura, a Tradição do Imemorável**. Niterói;UFF, 2006. Dissertação(Mestrado), Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2006.

Pereira, Claudina. **Alma no espelho**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

- Pesavento, Sandra. (Coord.) **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.
- Pelbart, Peter. **Vida Capital: Ensaio de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- Pelbart, Peter. **Da Clausura do Fora ao fora da Clausura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- Prado Junior, Bento. A força da linguagem. In: Dascal, Marcelo(org) **Conhecimento, Linguagem, Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- Revel, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: **Foucault: a coragem da verdade**. Gros, Frederic (org.) São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- Rocha, Marisa e Aguiar, Kátia. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Revista ciência e profissão**. V. 23, n.4, Brasília, dez. 2003.
- Rolnik, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2006.
- Sargentini, V.;Barbosa, P. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.
- Schérer, René. Aprender com Deleuze. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v.26, n.93, set/dez., 2005.
- Serres, Michel. **Atlas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- Silva, R.; Nardi, H.C. A emergência de um saber psicológico e as políticas de individuação. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, V. 29, n.1, p. 187-198, 2004.
- Tedesco, Silvia. **Estilo e Subjetividade: Considerações a partir do estudo da linguagem**. São Paulo: PUC. Tese (Doutorado), Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, 1999.
- Vilela, Eugenia. Resistência e acontecimento. In: Kohan, Walter;Gondra, José(org.) **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- Zourabichvili, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.